

UNIVERSIDADE EVANGÉLICA DE GOIÁS - UNIEVANGÉLICA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JÚLIA TÔRRES BARBOSA

RHULLYA RHAYSA MOZINHO CLAUDINO

**A INFLUÊNCIA DA PORNOGRAFIA NA SUBJETIVIDADES DAS MULHERES:
*UM ESTUDO CARTOGRÁFICO SOBRE DISPOSITIVOS DE GÊNERO E PROCESSOS
DE SUBJETIVAÇÃO***

ANÁPOLIS

2021

JÚLIA TÔRRES BARBOSA
RHULLYA RHAYSA MOZINHO CLAUDINO

**A INFLUÊNCIA DA PORNOGRAFIA NA SUBJETIVIDADES DAS MULHERES:
*UM ESTUDO CARTOGRÁFICO SOBRE DISPOSITIVOS DE GÊNERO E PROCESSOS
DE SUBJETIVAÇÃO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade Evangélica de Goiás –
UniEVANGÉLICA como requisito parcial à
obtenção do título de graduação em
Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Me. Jéssica Batista Araújo.

ANÁPOLIS

2021

JÚLIA TÔRRES BARBOSA

RHULLYA RHAYSA MOZINHO CLAUDINO

**A INFLUÊNCIA DA PORNOGRAFIA NA SUBJETIVIDADES DAS MULHERES:
*UM ESTUDO CARTOGRÁFICO SOBRE DISPOSITIVOS DE GÊNERO E PROCESSOS
DE SUBJETIVAÇÃO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade Evangélica de Goiás –
UniEVANGÉLICA como requisito parcial à
obtenção do título de graduação em
Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Me. Jéssica Batista Araújo.

Banca Examinadora

Prof^ª. Me. Jéssica Batista Araújo.

Professora-orientadora – Presidente da banca

Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA

Prof^ª. Dra. Flávia Cristina Silveira Lemos

Professora-Convidada

Universidade Federal do Pará (UFPA)

AGRADECIMENTOS

Júlia Tôres Barbosa:

Nesta conclusão de graduação, relembro que houve muitos acontecimentos desde o seu início, como processos de mudança física, territorial, psicológica e afetiva-emocional. Não teria chegado até aqui sozinha, e por isso gostaria de agradecer a minha família: a minha mãe, Sônia, em especial, seu apoio, amor e cuidado comigo e incentivo aos meus estudos foram fundamentais para mim na minha trajetória; ao meu pai, Ruy, por também me apoiar e estar presente, e às minhas irmãs, Luísa e Isabela, pelo carinho que sempre me oferecem e que são um exemplo para mim de mulheres obstinadas no que querem. Também gostaria de agradecer a Rhullya por ter aceitado a entrar nessa jornada como minha dupla, mesmo sem termos intimidade o suficiente no momento da formação de duplas, tido paciência comigo e pelos momentos de conforto perante o processo da escrita deste trabalho, que estreitaram nossos laços. À professora e profissional exemplar da Psicologia Social, Jéssica Araújo, por ter aceitado ao nosso convite de orientar nosso trabalho, e aos professores que tive o privilégio de ter sido aluna, tanto da UFPA quando da UniEVANGÉLICA, levo um pouco de todos na minha bagagem profissional e pessoal. Deixo meu agradecimento a todos os citados por terem me ajudado nesse processo de amadurecimento como mulher, futura psicóloga, e feminista.

Rhullya Rhaysa Mozinho Claudino:

Gostaria de agradecer em especial: A Deus, que me concedeu a oportunidade de realizar um sonho que não é só meu, mas nosso. Aos meus pais, Joséria e Marcos e à minha irmã Allana, que me deram (e dão!) total apoio na minha decisão de estudar e não me deixaram desistir nos momentos que eu mais desacreditei de mim. Vocês são incríveis! Aos amigos que sempre me proporcionam momentos de alegria. Aos meus professores, em especial à professora Jéssica, que aceitou ser a orientadora dessa pesquisa e teve paciência para dar as orientações necessárias da forma mais amável possível. À Júlia, minha dupla que se tornou uma ótima amiga e nunca desistiu da ideia de fazer uma pesquisa socialmente relevante e me fez rir com memes aleatórios nos momentos de maior tensão durante a pesquisa. À todas as mulheres que me apresentaram o feminismo e uma nova forma de enxergar o mundo. Muito provavelmente vocês não verão esta nota, mas muito obrigada! A todos os envolvidos no meu processo de ensino e educação ao longo da minha vida. Tem um pouco de vocês em cada traço dessa pesquisa.

RESUMO

No Brasil, as mulheres estão inseridas em dispositivos de gênero desde sua infância, que compulsoriamente lhes ditam que devem aspirar ao amor de um homem, através do acionamento do dispositivo amoroso; tais dispositivos de gênero agem por meio de tecnologias de gênero, sendo a pornografia uma destas tecnologias. Os dispositivos de gênero agem no processo de subjetivação de homens e mulheres, e engendrada à pornografia, há a pedagogia afetiva, cuja função é ensinar e normatizar os papéis de gênero a partir de comportamentos-padrão. Sob as mulheres, a pornografia demarca profundamente seus corpos e subjetividades. A pornografia usa dos dispositivos engendrados ao dispositivo amoroso, ao propor e educar quais são as práticas normativas sobre o sexo, e reproduzir padrões da prateleira do amor (a escolha das mulheres como parceiras pelos homens). As concepções de dispositivo de gênero, tecnologia de gênero, pedagogia afetiva e prateleira do amor utilizados neste artigo foram propostos por Zanello (2018). Buscamos trazer dados sobre o uso de pornografia em geral e o uso desta tecnologia pelas mulheres, assim como analisar e destrinchar, através do método cartográfico proposto por Deleuze e Guattari, aliado a genealogia foucaultiana para realizar críticas sociais, as linhas que mantêm os dispositivos amorosos em funcionamento, como a concepção de culpa e nojo pelas mulheres ao exercício de sua sexualidade, a divisão da mulher para casar e mulher para transar (esposa x puta), a função pedagógica da pornografia para as mulheres e processos de subjetivação a partir desta tecnologia, o papel da colonização sobre quais corpos são dignos de afeto ou de desejo sexual (e a relação da pornografia com estes corpos), e ao fim do artigo propomos analisar a pornografia elencada à prostituição e ao feminismo.

Palavras-chave: cartografia, dispositivo de gênero, pornografia, subjetividade feminina, tecnologia de gênero

ABSTRACT

Pornography's Influence on Women's Subjectivity: a Cartographic Study about Gender Devices and Subjectivation Processes

In Brazil, women are inserted in gender devices since their childhood, which compulsorily dictates that they must aspire to a man's love, through the activation of the love device; such gender devices act through technologies of gender, with pornography being one of those technologies. Gender devices act in the process of subjectivation of men and women, and engendered in pornography, there is an affective pedagogy, whose function is to use and normalize gender roles based on standard behavior. Under women, pornography profoundly marks their bodies and subjectivities. Pornography uses the engendered devices of love device, by proposing and educating what are the normative practices about sex, and reproducing patterns from the shelf of love (the men's choice about women as their partners). The conceptions of gender device, technology of gender, affective pedagogy and love shelf used in this article were proposed by Zanello (2018). We seek to bring data on the use of pornography in general and the use of this technology by women, as well as analyze and unravel, through the cartographic method proposed by Deleuze and Guattari, combined with Foucault's genealogy to carry out social criticism, the lines that maintain the love devices in operation, such as the conception of guilt and disgust for women to exercise their sexuality, the division of women to marry and women to have sex (wife x whore), the pedagogical function of pornography for women and processes of subjectivation based on this technology, the role of colonization on which bodies are worthy of affection or sexual desire (and the relation of pornography with these bodies), and at the end of the article we propose to analyze pornography related to prostitution and feminism.

Keywords: cartography, female subjectivity, gender device, pornography, technology of gender

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Capturas de tela demonstrando a pesquisa da palavra “pornô” em plataforma de buscas e a página inicial dos três sites mostrados nos resultados.....	18
Figura 02 – Alterações no acesso ao site Pornhub (2020) por usuários do Brasil durante a quarentena do coronavírus no período de 01º de março a 13 de julho	19
Figura 03 – Página inicial de um usuário de rede social, em que as páginas seguidas pelo usuário usam fotos sensuais de mulheres para obter engajamento.....	21
Figuras 04 e 05 – Imagens encontradas em plataforma de buscas ao pesquisar o termo “dama na rua”	24

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
LINHA 1 - A HISTÓRIA DA MULHER COM O SEXO (CULPA X NOJO)	14
LINHA 2 - A PORNOGRAFIA COMO DISPOSITIVO DE GÊNERO E SUBJETIVIDADE	16
LINHA 3 - ESPOSA E PUTA NO SEXO: “SEJA COMO UMA DAMA NA RUA, E PUTA NA CAMA”	24
LINHA 4 – COLONIZAÇÃO E MULHERES FORA DO PADRÃO: A VIVÊNCIA DAS MULHERES NÃO BRANCAS, NÃO CIS-HETEROS E GORDAS COMO OBJETOS DE DESEJO E A PORNOGRAFIA	28
LINHA 5 - PROSTITUIÇÃO E PORNOGRAFIA	36
LINHA 6 - FEMINISMO E PORNOGRAFIA	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

A Influência da Pornografia na Subjetividade das Mulheres: Um Estudo Cartográfico sobre Dispositivos de Gênero e Processos de Subjetivação

As imagens pornográficas, os filmes, as fotos de revistas, os pôsteres publicitários que vemos nas paredes das cidades, constituem um discurso, e este discurso cobre o nosso mundo com os seus signos, tem um significado: as mulheres são dominadas.

(...) Escolhi a pornografia como exemplo porque o seu discurso é o mais sintomático e o mais demonstrativo da violência que nos é feita através de discursos, assim como na sociedade em geral. (Wittig, 1992, p. 3)

A história das mulheres enquanto seres sociais perpassam diversas facetas ao longo de suas existências. Podemos nomear a faceta acadêmica, a faceta social, a faceta amorosa, a faceta econômica... Facetas tais que possuem faces, propriamente ditas. Faces que, ao longo da nossa jornada, se mostram hostis, até mesmo agressivas. Estas facetas se configuram desse modo devido a processos de subjetivação específicos sob as mulheres (Zanello, 2018), a partir de séculos de patriarcais.

Diferente de outras pesquisas que consideram que a distância entre sujeito e objeto é condição de possibilidade da verdade científica a cartografia, método escolhido por nós, o conhecimento se dá no encontro com o objeto, não é apenas representa-lo, mas implicar-se com o mundo, comprometer-se com a sua produção. Há uma partilha de um território existencial, no qual sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e codeterminam (Alvarez; Passos, 2015).

Assim, neste ponto da leitura, é cabível ao leitor a ciência de que este texto não se trata somente de uma pesquisa para concluir o processo de uma graduação. Mas, pelo método escolhido por nós, pudemos investigar algo que temos interesse em estudar com algo que percebemos no nosso dia a dia; a cartografia nos permite estudar sobre nosso objeto de estudo, ao passo que o vivenciamos durante o pesquisar, e é esse o diferencial da cartografia: poderemos estudar/pesquisar sobre o que aparece no nosso encontro com o objeto. No nosso trabalho, o texto a seguir se trata, também, da vivência das pesquisadoras enquanto mulheres residentes de uma sociedade multifacetada pelo patriarcado, sexismo, machismo e misoginia, compondo a porcentagem de mulheres que sofrem com a hostilidade das diversas faces do machismo.

Tais percalços encontrados em nossa caminhada, nos levou ao desejo de escrever sobre aquilo que tanto limita, como postulou Carl Rogers (2017), o “tornar-se pessoa” de diversas (para não dizer todas as) mulheres; ou como diria Simone de Beauvoir (1967), o “tornar-se mulher” característico de cada mulher. Assim, dentro do contexto da pandemia do

Comentado [J1]: Esclarecer sobre o método, é trazer a sua teoria, os autores que estudam sobre eles e tem relevância na cartografia, vpcê precisam mostrar que existe embasamento teórico por traz do que vocês estão fazendo! Vocês podem reorganizar ou reescrever se vocês quiserem, coloquei essa parte para deixar mais claro que eu quis dizer com esclarecer sobre o método. Tragam seu embasamento teórico. Isso deve ser feito ao longo de todo o texto

Comentado [2]: Aqui é preciso que vocês esclareçam que isso faz parte do método, que vai questionar a neutralidade do pesquisador e trazer que a pesquisa se dá no encontro do pesquisador com objeto!! Sem esses esclarecimentos teóricos a pesquisa perde o rigor

Comentado [3R2]: Escrevi em vermelho

novo coronavírus, buscamos a melhor forma de produzir a pesquisa de modo que pudéssemos ter um bom proveito das informações coletadas.

Primeiramente, a temática a ser estudada por nós, pesquisadoras, era a violência doméstica, em que formaríamos um grupo de mulheres vítimas de violência com o objetivo de ser terapêutico, ser um espaço seguro, acolhedor, e podermos estudar/encontrar linhas de fuga e resistência juntamente a essas mulheres sobre suas vivências. Devido à pandemia, instalada desde março de 2020, pensamos na configuração *on-line* (remota e síncrona) para este grupo, porém, não foi possível devido a algumas dificuldades que teríamos para poder estabelecê-lo. Com as medidas de isolamento social e a quarentena proposta em todo o país, a nossa primeira opção de tema e pesquisa se tornaram inviáveis. Tal empecilho nos levou a transitar e conversar acerca de temáticas que também envolvessem o nosso tema inicial. Foi quando a ideia de escrever sobre a pornografia nos recaiu de modo que não tivemos a opção de ignorar a sua urgência. Desse modo, concluímos que utilizar o ambiente virtual das mídias sociais como campo de pesquisa seria, não só benéfico, como também seria importante para nos proporcionar uma amostra mais vasta. Decidimos estudar a pornografia por sermos mulheres em uma sociedade extremamente pornificada, em que somos atravessadas pela pornografia direta ou indiretamente, por esta ser uma tecnologia que coloniza afetos (isto será discorrido no trabalho), e como Passos e Barros (2015) propõem no método cartográfico, optamos por ele à medida que este método “acentua a dimensão política da pesquisa” (p. 18) e que durante o cartografar, investe-se mais no fazer da pesquisa e assim, o conhecimento vem da ação/pesquisa.

Com a urgência de escrever sobre o novo tema perpassando sobre o campo de nossas ideias e a vontade de estudar e destrinchar a pornografia como produtora de verdades sobre o sexo e a sexualidade, tornamos este o nosso tema oficial. Não sendo isso o bastante (por ser um tema bastante polêmico em estudos científicos), optamos como metodologia utilizada no trabalho pela **cartografia**, um método que foge do padrão positivista frequentemente empregado nos delineamentos de pesquisa. Assim, com esta ousadia, escolhemos cartografar um grupo privado de mulheres que lutam contra a pornografia, seja uma luta própria ou a do parceiro, no ambiente virtual do *Facebook*. Mas iremos além, utilizando de outros analisadores disponíveis na internet, como imagens, notícias, blogs, pesquisas, entre outros.

Sendo a utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) a nossa **única possibilidade** de realização da pesquisa, é interessante frisar que, apesar de muito novo, o ambiente virtual da internet se instaurou como uma nova dimensão da produção de subjetividades, segundo Parente (2008). “Se a máquina resulta de um complexo processo de

Comentado [4]: Acho que vocês podem colocar que, claro que a possibilidade mais viável durante a pandemia, as tecnologias de informação e comunicação hoje formam um território existencial, portanto importante de ser mapeado. Aí a justificativa seria o que vocês colocaram aí

Comentado [5R4]: Acrescentei em vermelho abaixo

subjetivação e se a subjetivação é fruto de um agenciamento social múltiplo, não há porque separar a máquina e o homem sob a base da oposição natural/artificial” (Parente, 2008, p. 47).

Por mais que o contexto pandêmico não possibilite muitas opções, as TICs oferecem um vasto território existencial, em que diversos sujeitos se encontram na Internet através dessas tecnologias; logo, uniu o útil ao agradável.

Cabe a nós, enquanto aprendizes da cartografia, frisar que o método empregado neste artigo como elemento norteador das análises é o método cartográfico aliado a genealogia foucaultiana. Pois, é através da cartografia, que será possível desenrolar as diversas linhas presentes em um **dispositivo** que se entrelaçam, visto que a cartografia se baseia no conceito de rizoma proposto por Deleuze e Guattari (1995), onde “há linhas de articulação [...], mas também linhas de fuga” (Deleuze & Guattari, 1995, p. 10). O cartografar envolve um planejamento inicial, mas não se limita a ele, pois durante o ato cartográfico há a possibilidade de mudanças e flexibilidade no devir: como explicado por Passos e Barros (2015),

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. (Passos & Barros, 2015, p. 17)

Na cartografia, busca-se identificar e descrever as linhas de forças, de fuga, ruptura e resistência presentes nas relações de poder, assim como se constitui em um tipo de “estratégia de análise crítica e ação política” (Prado Filho & Teti, 2013, p. 47), diferentemente do método científico tradicional que propõe uma série de procedimentos, regras e/ou protocolos.

A genealogia de Foucault (1995) propõe analisar criticamente como o poder perpassa os corpos dos indivíduos de uma sociedade, visto que o corpo é o meio pelo qual se recebe a ação do poder, e pelo qual se transmite, reproduzindo relações de poder, assim como o corpo também é condição para a subjetividade (Foucault segundo McLaren [2016]). O poder nos corpos é operado por uma série de dispositivos, regulado e controlado através de práticas institucionalizadas, em que dispositivo se caracteriza como “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo” (Foucault, 1995, p. 244).

A união entre os métodos cartográficos e genealogia foucaultiana possibilita que possamos analisar politicamente o nosso objeto de estudo, e ultrapassar a ótica do tradicional.

Com a genealogia de Foucault, buscamos utilizar de suas ferramentas metodológicas para analisar as linhas traçadas. Na genealogia foucaultiana, busca-se fazer uma crítica social ao analisar e identificar como eventos sociohistóricos contribuíram na produção de subjetividades, assim como na cartografia, em que a utilizaremos para mapear como estas concepções se fazem presentes na vivência das mulheres: abordaremos como se desenvolveu historicamente a sexualidade para as mulheres (~~utilizando da genealogia foucaultiana~~), para identificarmos como as mulheres a vivenciam hoje (~~mapeando cartograficamente~~), por exemplo.

Através das práticas institucionalizadas pelos dispositivos, os corpos são docilizados ao passar pelo processo de docilização. Significa que ocorre uma padronização do comportamento através de métodos disciplinares – Foucault caracteriza a disciplina como “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo”, em que o corpo está sujeito constantemente às suas forças, “e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (Foucault, 1987, p. 118).

Portanto, não buscamos traçar uma linearidade (no sentido de uma série de acontecimentos que se sucedem) entre os tópicos que serão apresentados neste trabalho, mas demonstraremos como estes tópicos se estendem, conectam-se e formam um aglomerado de cadeias. Por cadeias, Deleuze e Guattari (1995) explicam que “cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc, colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas” (Deleuze & Guattari, 1995, p. 14). Com a utilização do método cartográfico, estabelecemos “uma direção clínico-política” (Passos & Barros, 2015, p. 26), e com a genealogia foucaultiana, além de identificar os dispositivos de poder, identificaremos também modos de resistência a eles.

De modo a deixar mais explícito, caso ainda não tenha, este se trata de um estudo de gênero e feminista, que busca analisar um dos seus objetos de estudo; sabe-se que gênero possui diversas linhas de pesquisa, assim como diversas definições a partir da contribuição de estudos feministas por Mary Wollstonecraft, Margaret Mead, Simone de Beauvoir, Gayle Rubin, Monique Wittig, Judith Butler, Teresa de Lauretis, Joan Scott, Gloria Anzaldúa, Helleieth Saffioti, Bell Hooks, Lélia Gonzalez, Chimamanda Adichie, Valeska Zanello, entre diversas outras. Vimos a necessidade de dividir esse trabalho em linhas, sendo elas: 1. A história da mulher com o sexo (culpa x nojo), 2. A pornografia como dispositivo de gênero e subjetividade, 3. Esposa e puta no sexo: “Seja como uma dama na rua, e puta na cama”, 4. Colonização e mulheres fora do padrão: a vivência das mulheres não brancas, não cis-heteros

Comentado [6]: A cartografia também permite isso que vocês colocaram sobre genealogia. Coloquem apenas que vocês se utilizarão das ferramentas metodológicas da genealogia Foucaultiana na análise das linhas traçadas

Comentado [7R6]: Acho que respondi

Comentado [8]: Evitem fazer essas diferenciações

Comentado [9R8]: Só remover o que está em vermelho

e gordas como objetos de desejo e a pornografia, 5. Prostituição e pornografia, e 6. Feminismo e pornografia.

Gênero é um construto político que possui diversas abordagens. É fundamental para os estudos feministas, que utilizam gênero como “elemento analítico da sociedade”, ao “caracterizá-lo como uma construção social e histórica de relações sociais desiguais estabelecidas entre homens e mulheres, o que acarreta a opressão das mulheres” (Mayorga et al., 2013, p. 464). Socialmente, o gênero está vinculado a noção das diferenças biológicas entre homem e mulher e como estes devem agir a partir de sua genética, pois são essencialmente diferentes, e por isso há um significado para o comportamento esperado destes sujeitos; o sistema binário é a base desse sistema (homem ou mulher, hetero ou gay, cis ou trans). É fundamental, em estudos de gênero, não realizar a universalização das mulheres, pois elas são diversas: cisgêneras, transgêneras, intersexuais, heterossexuais, homossexuais, bissexuais, brancas, pretas, pardas, amarelas, indígenas, idosas, adultas, jovens, adolescentes, crianças, pobres, classe média, ricas, mães, solteiras, casadas, etc.

Alvo de bastante polêmica pela sociedade, entre o âmbito acadêmico e entre feministas e LGBTI, o gênero é um dos dispositivos de poder. É preciso analisá-lo para identificar questões sociais, pois além do gênero, na vivência das mulheres, há elementos que se interseccionam, como a “sexualidade, raça, lugar de origem” (Mayorga et al., 2013, p. 465); por isto, estes elementos atravessam a vida das mulheres de modos distintos. Isto fica claro quando, no dia a dia, as mulheres negras sofrem opressão de modo diferenciado pelas mulheres brancas, pois são perpassadas pelo racismo e machismo, assim como uma lésbica é oprimida de forma diferente de uma heterossexual, para citar alguns exemplos.

O feminismo corresponde ao movimento social por igualdade política, econômica, social das mulheres, marcado por inúmeras vertentes, assim como se caracteriza como uma metodologia científica. Porém,

é difícil estabelecer uma definição precisa do que seja feminismo, pois este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado de chegada. Como todo processo de transformação, contém contradições, avanços, recuos, medos e alegrias. (Alves & Pitanguy, 2017, p. 4)

Dentro do contexto histórico do feminismo, é possível encontrar 3 ondas (ou fases) que foram se desenvolvendo ao longo da história das mulheres, de acordo com as suas demandas. Na primeira onda, datada em cerca da metade do século XIX, a principal reivindicação era o direito ao voto (sufragismo); a segunda onda está mais ligada aos

movimentos pós segunda-guerra, onde surgiu o slogan: “O que é que os homens fazem que as mulheres não possam fazer?”, segundo Coelho (2016).

A terceira onda do feminismo, por sua vez, segundo Siqueira e Bussinger (2020), trouxe uma proposta de “fluidez de gênero”, trazendo à tona um debate mais inclusivo às relações de gênero, onde, outrora, se falava somente de mulheres cisgênero brancas.

Foram inseridas, especialmente na academia, questões relativas à masculinidade, aos homossexuais, transexuais, bissexuais, assexuados, enfim, toda a Teoria Queer cuja maior expoente teórica é Judith Butler. A ideia de gênero, portanto, vem sendo completamente revisada neste período do movimento feminista, trazendo uma perspectiva mais fluida e incluindo outras minorias oprimidas não necessariamente mulheres, mas vítimas da mesma opressão imposta e/ou originada no patriarcado. (Siqueira & Bussinger, 2020, p. 153)

É igualmente importante introduzir o dispositivo amoroso para melhor compreensão deste trabalho. O dispositivo amoroso é o principal agente, que engloba a pedagogia afetiva, a prateleira do amor, segundo a obra de Zanello (2018). Este dispositivo representa a forma como as mulheres são convocadas socialmente a aspirarem ao casamento, a ter o amor de um homem e mantê-lo; está em execução desde antes do nascimento de uma menina, com as expectativas postas sobre ela e seu futuro, e é mantido a partir de processos de subjetivação por meio da socialização, e sustentado pela mídia. Devido o dispositivo amoroso que são acionados os outros dispositivos citados, o que implica dizer que não há uma hierarquia entre esses dispositivos, mas intercorrem concomitantemente. Estes conceitos serão destrinchados durante a elaboração deste artigo.

Assim, analisando os diversos relatos encontrados no grupo virtual do *Facebook*, encontramos uma postagem específica onde pudemos perceber, muito diretamente, que o nosso problema de pesquisa não é somente de nosso interesse, como, também, de outras mulheres, pois, a partir de nosso olhar feminino sob a ótica do machismo, é possível que “mulheres possam se viciar em pornografia tanto quanto homens? Elas podem objetificar corpos masculinos? Podem ‘broxar’ ou demorar mais a gozar no sexo real sem o estímulo da pornografia?” Tais questões saltam aos nossos olhos, de modo que, decidimos utilizá-las em nossa pesquisa como questões norteadoras de uma resposta, ainda, incerta.

Em todo o caso, de acordo com o que a metodologia cartográfica se propõe, separamos os pontos de problematização encontrados na nossa pesquisa em linhas, onde discorreremos tais pontos de modo a deixar a escrita a mais clara e concisa quanto nos for possível.

LINHA 1 - A HISTÓRIA DA MULHER COM O SEXO (CULPA X NOJO)

O desenrolar da trajetória da mulher na história da humanidade, é muito bem elucidado por Perrot (1988, p. 185) citado por Silva (2015), quando diz que, “[...] da história, muitas vezes a mulher é excluída [...] o ofício de historiador é um ofício de homens que escrevem a história no masculino”, anulando o protagonismo feminino de sua própria história. Fato tal que se estende, também, à esfera de relacionamentos, mais precisamente à esfera da vida sexual feminina, onde, Valeska Zanello (2018) em seu livro *Saúde Mental, Gênero e Dispositivos*, cita que, “segundo Del Priore (2011), era intolerável o fato de que a mulher pudesse ter prazer sem o homem. A mulher deveria ser ‘naturalmente’ (esse natural sendo uma construção social e histórica) frágil, agradável, doce e boa mãe” (Zanello, 2018, p. 67).

Adentrando ainda mais a temática da sexualidade feminina, Zanello (2018) faz um apanhado histórico acerca de como se deu a vida sexual das mulheres e diz que

o que se pregava era a orientação para o casamento, devendo o sexo ser apenas exercido com a finalidade de procriação. O casamento era indissolúvel e não deveria ter nada de amor-paixão ou sentimento parecido. Propagando a mentalidade patriarcal e machista, a Igreja defendia uma hierarquia no matrimônio, na configuração dos papéis de homens e mulheres. Se, de um lado, ao homem era dada certa liberdade sexual, marcada pela poligamia consentida (pecado perdoável e até esperado: a vivência do amor-paixão com mulheres fora do casamento), houve forte controle da sexualidade feminina. (Zanello, 2018, p. 55)

Com o passar do tempo, é cabível ao leitor a ciência de que a vida sexual feminina não passou por muitas alterações no sentido de ainda ser um gritante tabu e ainda haver um certo controle patriarcal sobre ela, e é este o ponto a ser frisado agora.

Em um grupo de mulheres em uma rede social sobre discussão dos malefícios da pornografia, nos deparamos com um relato de uma garota que se autointitulava viciada em pornografia, porém, em seu relato, ela deixa explícito como sente culpa e nojo após consumir conteúdo pornográfico pesado, pois consome pornografia desde criança (09 anos de idade), tentou parar com o vício, mas teve recaídas. Tal relato não foi o único a nos saltar os olhos com a expressão de culpa estando evidenciada. Percebemos, então, a necessidade de adicionar este tópico como uma linha a ser esclarecida em nossa pesquisa.

O advento da colonização do Brasil por Portugal, trouxe, para além do baixo índice de letramento português, um moralismo extremo que perpetua entre nós até hoje. Moralismo tal, trazido pela Igreja, que viu a necessidade de se ensinar aos povos nativos como eles deveriam se relacionar com seus parceiros românticos (Zanello, 2018). O moralismo extremo pregado pela Igreja adquiriu tamanha força que, segundo Del Priore (2011), se fazia inadmissível que uma mulher sentisse prazer sem um homem. Ou seja, à mulher não foi dada a opção de sentir prazer com o homem, visto que o sexo era somente para a procriação, e a opção de sentir prazer sozinha, com a masturbação, lhe foi negada, pois o prazer era moralmente combatido pela Igreja por ser considerado obra de Satã, como pontuou Zanello (2018). Dessa forma, começamos a traçar o nosso percurso procurando investigar sobre o aspecto do sentimento de culpa e nojo percebido por muitas mulheres encontrado em nossa pesquisa.

Cynthia Baumel (2019), em seu estudo sobre pornografia e relações afetivas, pontuou que Mosher (1971) foi o primeiro cientista a desenvolver uma forma de medir a culpa. Assim, Mosher pontua 3 tipos de culpa: a culpa hostil, a consciência moral e a culpa sexual, que é o construto que utilizaremos a seguir.

C. Baumel (2019) apresenta a definição de Mosher e Cross (1971) para a culpa sexual como "uma expectativa generalizada de punição auto mediada pela violação ou pela antecipação da violação dos padrões adequados de conduta sexual" (pp. 81-82), ou seja, padrões de conduta sexual conduzem o indivíduo a um sentimento de culpa devido a associações com "as cognições morais sobre a conduta sexual apropriada" (Baumel, 2019, p. 82). Constatação tal que vem a explicar que o indivíduo sente a culpa sexual em decorrência da moralidade empregada a ele por seus meios sociais, influências e tradições religiosas, sendo a culpa, inclusive, fator de insatisfação sexual feminina, de acordo com Sérgio Baumel (2014).

Em outro relato no grupo, uma participante pontua os tipos de culpa que sentiu: inicialmente, era culpa religiosa, semelhante ao que Baumel (2014) abordou, e depois ela

disse ter sentido culpa política, por obter prazer com uma tecnologia que violenta as mulheres que fazem parte da indústria pornográfica.

Apesar de o Brasil ser conhecido como um país majoritariamente de práticas liberais, nossos pesquisadores têm encontrado cada vez mais resultados que contradizem essa imagem, pois, como postulado por Carmo (2011) em Baumel (2019), o Brasil vive "um misto de desinibição e permissividade, por um lado, e de restrições e pudor, por outro, tendo a tradição religiosa cristã forte influência nesta ambiguidade, contribuindo com o desenvolvimento da culpa sexual" (p. 21).

Este aspecto ambivalente da sexualidade no Brasil, é construído a partir dos dispositivos de gênero, que agenciam mensagens específicas e contraditórias simultaneamente, em especial para as mulheres.

LINHA 2 - A PORNOGRAFIA COMO DISPOSITIVO DE GÊNERO E SUBJETIVIDADE

Zanello (2018) propõe que a mídia tem importante destaque nas tecnologias de gênero contemporâneas, sendo elas a revista, o cinema e a televisão. Ao longo do século XX, através desses dispositivos, foram moldados padrões de comportamento previstos para homens e mulheres, principalmente na esfera afetiva: as mulheres devem ser delicadas, recatadas e aspirar ao casamento e à maternidade, e os homens, prover financeiramente e demonstrar iniciativa. A pornografia ganhou grande espaço como tecnologia de gênero tal no século XX, fenômeno a ser abordado adiante, que diferentemente das tecnologias de gênero citadas, acionava um dispositivo de gênero específico: o desempenho **sexual** esperado por homens e mulheres.

A história da pornografia tem origem antes do século XX. Azevedo e Ferreira Júnior (2017) abordam obras literárias pornográficas, que descreviam atos sexuais no século XIX, enquanto Campos comenta que desde os

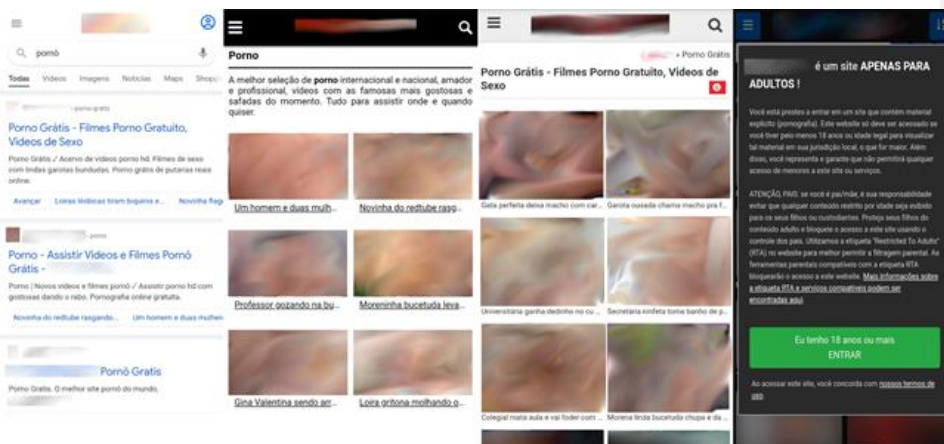
homens pré-históricos ao Império Romano, entre os índios astecas e durante a Idade Média, imagens excitantes e relatos de estripulias sexuais nunca faltaram e serviram a todo tipo de papel político e social: ritualístico, médico, artístico e até mesmo funcional, como meio de estimular o prazer. (Campos, 2006, p. 13)

O que diferencia essas imagens excitantes da pornografia é que a pornografia como conhecemos surgiu na modernidade, por volta do século XIX (Campos, 2006), com configurações diferentes na sua elaboração e objetivos. Desta forma, a pornografia é um dispositivo de gênero presente na mídia, sendo assim utilizada como tecnologia de gênero, pois na pornografia há representações sociais acerca de gênero, sexualidade e sexo.

A revolução tecnológica teve papel fundamental sobre o alcance que a pornografia possui atualmente. Se, a cerca de 20 anos, era preciso ir a uma banca de jornal comprar revista de mulheres peladas ou ir a uma locadora de filmes para ter acesso a materiais pornográficos (sendo necessário ter no mínimo 18 anos para obtê-los), hoje, utilizando computador ou *smartphone* conectado à internet é possível encontrar uma infinidade de conteúdo pornográfico com uma pesquisa rápida em plataforma de buscas: dessa forma, o anonimato é garantido.

O pior é que este acesso é tão irrestrito, que crianças podem encontrar pornografia dos diversos tipos facilmente (devido a fiscalização ineficaz de maioridade dos sites pornô - isso quando há algum tipo de fiscalização), o que é um fenômeno atual observado que vem se intensificando, e isso pode gerar desserviço e uma série de consequências a longo prazo para jovens que entram em contato precocemente com a pornografia; Fradd (2017) aborda uma pesquisa feita nos Estados Unidos, em que 93% dos meninos e 62% das meninas acessam pornografia antes dos 18 anos. O autor também cita que os jovens, atualmente, acessam a pornografia *on-line* sem seus pais terem ideia do que eles veem, e que conhecem diversos termos sexuais: “garotos e garotas agora consomem vídeos *hard-cores* que estão prontamente disponíveis a eles” (Fradd, 2017, p. 160), e que meninas estão adentrando na indústria pornográfica devido a exposição que tem a este conteúdo. A cultura do “nude” é presente no universo dos jovens (nude significa foto nua), em que os jovens costumam enviar uns aos outros em aplicativos (principalmente quando há paquera, mas pode acabar resultando em uma “pornografia de vingança”); a cultura do nude é a cultura da pornografia atualizada.

Escrevemos sobre o fácil acesso a pornografia na internet com base na pesquisa que fizemos: ao pesquisar a palavra “pornô” em uma plataforma de buscas, usando um *smartphone*, aparecem diversos sites de conteúdo sexual explícito. Tomando como parâmetro os três primeiros sites que aparecem, em dois deles é só clicar para ter acesso irrestrito (e imediatamente aparecem as imagens explícitas, borradas na Figura 01), enquanto em um site aparece um aviso informando que aquele é um site para adultos, porém, é só a pessoa clicar na caixa que confirma que tem 18 anos ou mais, e tem a entrada liberada no site. Não é necessário ter uma conta logada na plataforma de buscas para fazer esse tipo de pesquisa, afinal, o login na conta poderia ser uma barreira para aparecer os resultados de conteúdo sexual explícito (se fosse a conta de um menor de idade, por exemplo, a plataforma poderia



ter um filtro que impedisse o acesso deste público a sites adultos).

O Pornhub (2021), um dos sites de conteúdo pornográfico mais acessados a nível mundial, em um levantamento de dados realizado em 2020, informou que o acesso por dispositivos móveis como *smartphone* e *tablet* corresponderam a 84% dos acessos ao site, enquanto o computador ou *laptop* compunham os restantes 16%, e ainda indicava que o acesso via *smartphone* aumentou mais 4,7% e via computador/*laptop* diminuiu 5% em relação a 2019. Considerando que desde março de 2020 o mundo entrou em uma quarentena por causa da pandemia do novo coronavírus, e as pessoas tiveram que passar mais tempo em casa devido ao isolamento social, esse é um dado bem importante no que se refere aos meios de acesso à pornografia. No período de 01º de março até 13 de julho de 2020, houve um aumento

Figura 01. Capturas de tela demonstrando a pesquisa da palavra “pornô” em plataforma de buscas e a página inicial dos três sites mostrados nos resultados. Fonte: Plataforma de buscas e sites pornô (2021).

comparativo no acesso por brasileiros de 32,8% no site Pornhub, sendo 6,4% no dia 01º de março e 39,2% no dia 13 de julho; há oscilações durante esse intervalo de tempo, cujo alguns momentos o índice diminui, mas observa-se um aumento constante do uso desta plataforma pelos brasileiros (PornHub Team, 2020).

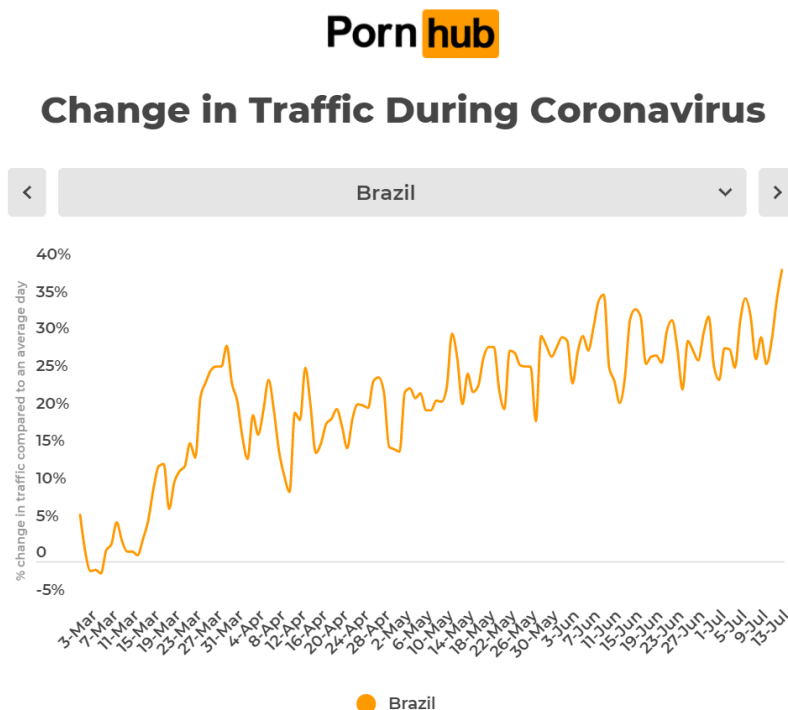


Figura 02. Alterações no acesso ao site Pornhub (2020) por usuários do Brasil durante a quarentena do coronavírus no período de 01º de março a 13 de julho.

Fonte: Pornhub (2020).

Outro dado relevante é que as mulheres compõem 32% do número de visitantes total do site (e em contrapartida, os homens compõem 68% deste número) (PornHub Team, 2019). Dentro desta categoria (mulheres visitantes deste site), as mulheres brasileiras são as que mais assistem pornografia por esta plataforma (39%), empatadas com mulheres filipinas. O ano de 2019 teve um aumento de 3% no acesso por mulheres ao site, assim como teve aumento de mesmo valor do acesso de mulheres brasileiras, em comparação ao ano de 2018. Ou seja, esses dados demonstram que os homens ainda são a maioria no acesso a sites pornográficos, mas o consumo de conteúdo pornográfico pelas mulheres está aumentando, e em específico, pelas mulheres brasileiras.

Logo, definimos como pornografia o material erótico que estimule sexualmente (Baumel, Guerra, Garcia & Rosário, 2020) (Guerra, Andrade & Dias, 2004). A definição como conteúdo de sexo explícito e/ou nudez total não contempla este trabalho, pois, dessa forma, é possível propor que material erótico está disponível em quase todos os lugares da mídia, como imagens e vídeos de insinuação sexual na televisão, cartazes, revistas, entre outros. Além disso, no grupo de relatos, frequentemente as participantes enquadravam fotos sensuais, sem nudez ou sexo explícito, como material erótico/pornográfico, pois lhe davam “gatilhos” para consumir mais deste conteúdo. Um exemplo disso está na imagem a seguir, postada no grupo do *Facebook* por uma integrante. Afinal, é comum vermos em propagandas mulheres seminuas, propagandas estas que estão ao alcance de qualquer um, inclusive crianças, o que as sexualiza desde cedo e normatiza a pornificação, em que as meninas aprendem que devem ser bonitas e agradáveis, e os meninos são ensinados a demonstrarem virilidade ao objetificar mulheres e suprimir afetos e emoções.

Este último trecho é enfatizado por Fradd (2017), ao citar um trecho do relatório de 2007 da American Psychological Association (APA) sobre sexualização das mulheres: “Virtualmente todos os formatos de mídia estudados fornecem ampla evidência da sexualização de mulheres, incluindo televisão, videoclipes, letras de música, filmes, revistas, mídia esportiva, videogames, a Internet, e a propaganda” (Fradd, 2017, p. 162).

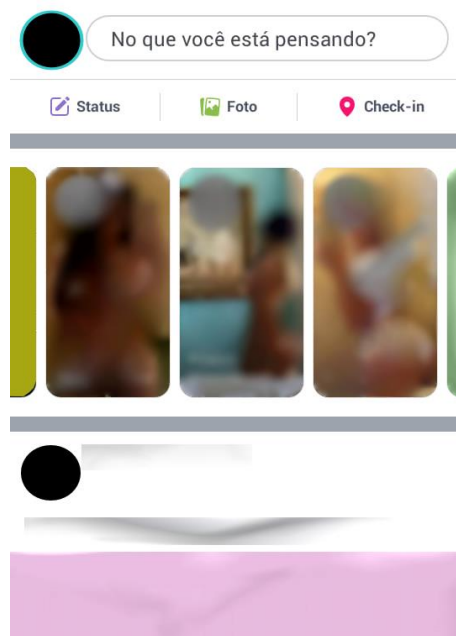


Figura 03. Página inicial de um usuário de rede social, em que as páginas seguidas pelo usuário usam fotos sensuais de mulheres para obter engajamento.

Fonte: *Facebook*.

A pornografia é frequentemente utilizada pelas mulheres como forma de aprender sobre sexo; a pornografia é um dispositivo midiático e de performance de gênero, em que um dos objetivos para aqueles que a usam (mulheres especialmente, mas homens também) é a de aprendizado, e as mulheres usam deste dispositivo para poder agradar aos seus parceiros e manter-se interessantes. Logo, a pornografia faz parte do dispositivo da pedagogia afetiva (Zanello, 2018), por ela representar (e ensinar) padrões esperados das mulheres a serem seguidos em seus relacionamentos (amorosos e sexuais).

Sobre a pedagogia dos afetos, aqui está uma breve explicação: a pedagogia dos afetos é um dispositivo de gênero que ensina aos indivíduos como se comportar de acordo com o gênero imposto socialmente (Zanello, 2018). No caso das mulheres, a pedagogia afetiva ensina que elas devem performar uma série de comportamentos para serem escolhidas e manter relacionamentos. Entre esses comportamentos, estão: manter-se com aspecto jovial (pois o padrão de beleza é o da juventude); magra (em forma); ter uma reputação aceitável para a sociedade para poder ser assumida (e uma vez assumida, continuar sendo); estar disposta a aceitar de tudo para manter o relacionamento, como não ser chata e discutir com o seu parceiro, inclusive no que diz respeito à relações e preferências sexuais (fazer quando e o que o homem quiser), assim como tomar a frente dos trabalhos domésticos e da criação dos filhos, tendo que conciliar todos estes elementos (trabalho-casa-parceiro-filhos).

Nesse sentido, a pornografia é um dispositivo de gênero que, diretamente ou indiretamente, atravessa o corpo das mulheres. “O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (Foucault, 1999, p. 100), de modo que, assim como as práticas propostas por Bartky (1997) (McLaren, 2016), está moldando corpos e subjetividades.

Ademais, a forma como se dá o uso da pornografia pelas mulheres como aprendizado de performances de gênero é descrita pelas três práticas disciplinares, caracterizadas por Bartky (1997), que produzem o corpo reconhecidamente feminino em gestos e aparências, que são a produção de corpo de um certo tamanho e forma, as práticas que trazem diante ao corpo feminino um repertório específico de gestos, posturas e movimentos, e a apresentação/exibição do corpo feminino como uma superfície ornamentada. Logo, os

escritos de Bartky (1997) descrevem uma forma da efetivação de dispositivo de gênero das diversas existentes, aproximando com os escritos de Zanello (2018).

Referente as três práticas disciplinares de Bartky (1997), na pornografia, são ensinados uma série de comportamentos femininos cujo há uma expectativa social sobre, e que são esperados que se concretizem. De forma mais didática, relacionaremos as três práticas disciplinares com a feminilidade no ato sexual performada na pornografia:

- “A produção de corpo de um certo tamanho e forma”: qual é o padrão estético comum às atrizes pornôs? Quem são as atrizes que fazem a maioria das produções pornôs de amplo alcance? Como são seus corpos?
 - No top 5 mundial das atrizes pornôs mais pesquisadas no ano de 2019 no site Pornhub (2019), 3 são mulheres brancas, magras, o que indica que elas são a preferência do público-alvo, formado majoritariamente pelos homens (representam 68% dos frequentadores deste site). Muitas mulheres se submetem a intervenções cirúrgicas, como lipoaspiração, implante de silicone nos seios, enxerto de gordura nos glúteos para aumentá-los, e há ainda a realização de cirurgias na vulva (para entrarem no padrão estético da “vagina rosada e pequena”), entre outros, com o objetivo de se assemelharem às atrizes pornôs. Frequentemente as participantes do grupo do *Facebook* relatavam desconforto com seus corpos, que o consumo de pornografia as deixavam inseguras com suas genitálias e formato do corpo;
- “As práticas que trazem diante ao corpo feminino um repertório específico de gestos, posturas e movimentos”: como a forma de expressar o prazer sexual por meio de gemidos, gritos, expressões faciais e corporais;
- “Apresentação/exibição do corpo feminino como uma superfície ornamentada”: como as mulheres são tratadas como prêmios e objetificadas (desumanizadas) nas cenas de produções pornôs.

Ao passo que a pornografia é um dispositivo de gênero, é formadora de subjetividades. Como anteriormente comentado e relacionando às práticas disciplinares de Bartky (1997), a pornografia faz parte da pedagogia afetiva, que é inerente ao dispositivo amoroso, que se apresenta como um “caminho privilegiado de subjetivação para as mulheres em nossa cultura” (Zanello, 2018, p. 84). Logo, é possível traçar linhas a cerca destes dispositivos (de modo similar a como Deleuze e Guattari [1995] fazem para relacionar seus platôs) com a subjetividade: DISPOSITIVO DE GÊNERO = PEDAGOGIA AFETIVA = PORNOGRAFIA = SUBJETIVIDADE. É possível fazer tal analogia com estas formas de articulação

rizomáticas ao considerar que “conceitos, para Deleuze e Guattari, devem determinar não o que é uma coisa, sua essência, mas suas circunstâncias” (Abreu Filho, 1998, p. 143).

Guattari e Rolnik (1996) discorrem sobre como o processo de subjetivação é fabricado, modelado e recebido pelos sujeitos de uma sociedade, e que a produção de subjetividade é essencial para o funcionamento do capitalismo. Neste processo, busca-se retirar o que é singular de cada um, realizando uma padronização do modo de ser e pensar para instalar uma visão de mundo específica. Segundo Guattari e Rolnik (1996), esse processo ocorre desde a infância e com a contribuição da mídia.

Logo, é corroborada a noção de subjetividade igualmente por Foucault, pois este considera que a subjetividade corporificada é atravessada pela cultura, local e momento histórico; o corpo é instrumento de poder, e por isso, o corpo também é condição para a subjetividade para Foucault, segundo McLaren (2016), sendo a subjetividade formada através da operação do poder no corpo. Importante frisar que a subjetividade não é considerada uma “entidade” fora do corpo por Foucault, como é considerado por dualistas.

Desta maneira, os sujeitos que vivem no contexto urbano brasileiro, passam por processos de subjetivação e/ou são atravessados por eles em algum momento. No caso, o dispositivo de gênero é parte desses processos de subjetivação, em que homens e mulheres são inseridos em um sistema regido pela pedagogia afetiva, que instrui sobre a maneira como devem se comportar e o que esperar do outro gênero, visto que este dispositivo é marcado pela imposição da (cis)heteronormatividade como o principal – se não o único – modo de viver (o que implica dizer que vivências homoafetivas, de pessoas trans e não binárias são invisibilizadas e marginalizadas). A pornografia, nesse sentido, como tecnologia de gênero, contribui para o agenciamento de subjetividades, normalizando comportamentos e pensamentos: molda sujeitos.

No grupo do *Facebook*, as mulheres costumam debater sobre como a pornografia tem função normatizadora sobre o sexo. Em muitos posts, as participantes relatam insegurança com seus corpos, sobre o padrão de vulvas (tamanho e cor), tamanho dos glúteos e seios, e como a pornografia é muito consumida pelo público masculino, eles acabam por internalizar o padrão estético feminino presente na pornografia, assim como eles aprendem, através do conteúdo pornográfico, a como transar (este é um aspecto relatado pelas integrantes, que os parceiros reproduzem o que veem no material pornográfico pensando que estão dando prazer, e acabam machucando ou não satisfazendo as mulheres, isso quando nem chegam a se preocupar com o prazer sexual delas). A aparência é uma linha dura responsável por muito

sofrimento para as mulheres (Dourado Gonçalves et al., 2020). Abordaremos a seguir este aspecto, importante para a escolha das mulheres como parceiras amorosas.

LINHA 3 - ESPOSA E PUTA NO SEXO: “SEJA COMO UMA DAMA NA RUA, E PUTA NA CAMA”



Figuras 04 e 05. Imagens encontradas em plataforma de buscas ao pesquisar o termo “dama na rua”.

Fonte:

De <https://br.pinterest.com/pin/511510470152099801/> (Figura 04) e de <https://orkutudo.com/whatsapp/grupos/mulher-perfeita/531/1/385/gostara> (Figura 05).

🌿 Mulher perfeita...
É aquela que sorri como uma menina.
Seduz como uma mulher.
Se dar o respeito como uma dama.
E fode como uma puta. 🌿👉👉👉

👉 :) 🌿🍂

A construção e configuração do casamento em seu contexto histórico no Brasil, se deu majoritariamente por intermédio da Igreja, com o objetivo não se restringindo no interesse em repassar a fé cristã, mas de exercer controle da população brasileira. Diferentemente da visão do casamento romântico que estamos acostumados, os sentimentos não se mostravam naturais, eram configurados e moldados de acordo com a época, cultura, classe social, cor e gênero, como postulado por Zanello (2018). Neste ponto da leitura, cabe salientar que as configurações amorosas que conhecemos hoje, remontam ao período europeu em que os trovadores descreviam, em seus versos, relações amorosas de modo a idealizar a mulher, a adorá-la como sendo o único deus existente e possível, “mediante um amor nobre e desinteressado marcado por um ardor erótico, restrito, contudo, somente aos versos”, como dito por Lipovetsky (2000), em citação de Zanello (2018, p. 62).

A adoração à mulher marcada pelos trovadores do século XII, porém, ficou configurada somente às linhas escritas em seus versos, visto que “nesse momento, a mulher real, de carne e osso, ocupava um lugar completamente diferente, de posição submissa, em casamento ou união com homens” (Zanello, 2018, p. 62). O conceito de amor-amizade/amor-paixão, postulado por Zanello (2018), explicam de maneira coerente o papel de cada mulher na história. E, aqui, cabe mencionar que a mulher real citada acima, não era qualquer mulher. Deste modo, o amor-amizade era aquele existente no casamento, enquanto o amor-paixão (aquele retratado nos versos europeus dos trovadores) ficavam para as relações extraconjugais dos maridos com as putas.

Os dispositivos de gênero reproduzem a ideia de que homens naturalmente necessitam mais de sexo que mulheres, e por isso há a diferenciação entre amor e sexo para eles; isso implica também em quem eles procuram para o amor, e quem procuram para o sexo. Assim, com as configurações do casamento postas pela Igreja, “o amor-paixão era inimigo, pois a lascívia era um afeto excessivo” (Zanello, 2018, p. 65). Posto dessa forma, com relação aos homens, o pecado da lascívia era influenciado e esperado que o cometesse com as “meretrizes” mulatas (pretas!) dos bordéis. Portanto, “fosse para casar ou fornicar, caberia mesmo às mulheres de cor o papel de meretrizes de ofício ou amantes solteiras em toda a história da colonização” (Del Priore, 2011, p. 61, citado por Zanello, 2018).

Dentro do contexto histórico da vivência da mulher preta e a hipersexualização de seus corpos, salienta-se a marcação entre o conceito de “mulher de família/para casar” e as “outras”, que, inicialmente, se tratava somente das mulheres pretas/mulatas como as “outras”, mas que, posteriormente, foram incluídas, também, índias, caboclas e imigrantes europeias

pobres no mesmo nicho. Algo que piora ainda mais com a ascensão da burguesia, em que temos

de um lado, a mulher respeitável, feita para o casamento, a quem não necessariamente se ama, mas em quem se faz filhos; de outro, aquelas com quem se pode viver as delícias eróticas, sem culpa e sem compromisso. As ‘puras’ e as ‘impuras’. (Zanello, 2018, p. 57)

Se antigamente, durante o período colonial, os homens procuravam sexo com mulheres fora do casamento e as esposas eram vistas como seres assexuados, a partir do século XX houve uma mudança: as esposas agora têm como responsabilidade a satisfação sexual dos maridos. Zanello (2018) aborda que “o romantismo se desenvolveu em proporção à libertação das mulheres de sua biologia, ou seja, como nova forma de poder e controle sobre elas” (p. 84); outrora as mulheres eram moedas de trocas nas relações matrimoniais, anuladas em suas vontades (incluindo em seus desejos sexuais) e desestimuladas a serem vaidosas, e então passaram a ser consideradas como seres desejantes até certo ponto, na aspiração de encontrar um marido, ter filhos e fazer ser desejada pelos homens.

Ou seja, não era incentivado que as mulheres no período colonial se casassem pensando em encontrar o príncipe encantado, mas isso mudou com a instalação do dispositivo amoroso no século passado. Através da mídia, como citado na Linha 2, os dispositivos de gênero foram alterados, e o valor estético da mulher começou a ser requisitado. As mulheres precisavam saber como conquistar um homem, o que implica em adotar uma série de comportamentos e ter a aparência adequada. Zanello (2018) aponta como a objetificação sexual teve destaque nesse processo. Às mulheres eram requisitados os olhares masculinos, e elas passaram a investir no visual, o que ajudou no desenvolvimento da indústria dermocosmética, e para isso foram utilizados diversos artifícios para ser considerada bonita: cirurgias plásticas, procedimentos estéticos, adoção de um estilo de roupas, acessórios e corte de cabelo, maquiagem, entre outros – isto corresponde a “apresentação/exibição do corpo feminino como uma superfície ornamentada”, uma prática disciplinar proposta por Bartky (1997).

Referente a cumprir esse papel de esposa que satisfaz sexualmente o marido, houve uma discussão no grupo acerca do ditado “Seja como uma dama na rua, e puta na cama”. As participantes estavam conversando sobre uma publicação que tinha uma imagem de uma conversa entre mulheres, em que uma perguntava como se soltar mais na cama (ser mais safada porque os homens gostam), que precisava beber para perder o nojo e a timidez; outra mulher respondeu que o namorado queria que ela fosse puta na cama, mas ela não conseguia.

Na discussão sobre a publicação, uma participante do grupo perguntou o que seria exatamente ser puta na cama, ao passo que outra participante respondeu que significa fazer o que o homem quer. Ou seja, uma discussão mais explícita sobre pedagogia afetiva que isso, seria se elas denominassem o exemplo da publicação desta maneira. Essa discussão demonstra como essa responsabilidade de agradar sexualmente o parceiro pelas mulheres foi incorporada no dispositivo amoroso.

As imagens apresentadas no início desta linha fazem parte das tecnologias de gênero. Imagens como essas são frequentemente encontradas na internet, em redes sociais, plataformas de buscas, e elas representam o dispositivo da pedagogia afetiva, normatizando estes como comportamentos esperados das mulheres. Pois é feio ser vulgar em público, é preciso se resguardar para o parceiro, agradando-o e mantendo-o ao seu lado, fazendo assim com que seja escolhida e que a escolha pela mulher do homem na prateleira do amor perdure. Estas representações sociais, presente na mídia e no discurso da sociedade, demonstram linhas duras referente às expectativas sobre as mulheres e seus devires.

Um ponto positivo deste grupo é o espaço que as participantes têm para poder discutir sobre a pornografia e questões sexuais. O fato delas falarem sobre ter que agradar o homem na cama e o que está por trás disso mostra que elas estão fazendo resistência ao dispositivo de gênero, de ter que se submeter às vontades masculinas, encontrando uma linha de fuga. Nesta linha, citamos brevemente sobre a concepção histórica da separação das mulheres entre esposas ou putas, e como no período colonial, as putas eram predominantemente as pretas, indígenas, e/ou mulheres pobres; na linha seguinte, a prateleira do amor será abordada, metáfora de Zanella (2018) sobre a escolha dos homens pelas mulheres a se relacionar afetivamente, e será possível perceber como esta prateleira tem relação com a colonização ocorrida há séculos.

LINHA 4 – COLONIZAÇÃO E MULHERES FORA DO PADRÃO: A VIVÊNCIA DAS MULHERES NÃO BRANCAS, NÃO CIS-HETEROS E GORDAS COMO OBJETOS DE DESEJO E A PORNOGRAFIA

A diferenciação entre os corpos ocorre devido à colonização de gênero e raça. Por mais que uma mulher não branca até esteja no padrão estético corporal feminino de beleza, o fato dela não ser branca vai pesar na escolha da prateleira do amor. Afinal, a constituição atual da prateleira do amor tem raízes coloniais; é por isso que ela é deliberadamente racista.

Importante dizer que o racismo não atinge apenas às pessoas pretas e pardas, mas a indígenas e amarelos igualmente, com algumas diferenciações. Para a cientista social Kércia Peixoto (2017), o racismo se configura como “tudo que hierarquiza em termos de superioridade ou inferioridade na concepção do humano” (p. 30), e assim o racismo se desenrola por modos diferentes: pela “(1) discriminação externalizada em atitudes explícitas; (2) do preconceito, concebido no íntimo das pessoas, que naturaliza percepções e sutilezas; e (3) na segregação de grupos em determinados ambientes” (p. 29).

Referente à colonização, a América Latina passou por este processo em meados dos séculos XVI ao XIX – é o que se pode dizer de modo oficial, visto que a colonização ainda é sentida socialmente. Portugal colonizou o que hoje se denomina território brasileiro, enquanto a Espanha colonizou quase toda a extensão do território atual da América Latina. Este

processo foi marcado por massacres aos povos originários latinos (no Brasil, diversas etnias indígenas), por dominação e exploração econômica, política e social, tendo a escravidão de africanos e indígenas como o principal exemplo prático desse sistema político.

Mari Sousa (2008) deixa mais claro como ocorreu a colonização portuguesa no Brasil, e como suas consequências são percebidas até hoje:

Em um contexto nacional, os procedimentos de colonização portuguesa proporcionaram a formação de domínios coloniais que, ao serem presididos pela lógica mercantilista e também religiosa, acabou determinando a subordinação sociocultural, econômica e política dessas “novas terras”, dentre outras adversidades que foram e continuam sendo mantidas até os dias atuais. (Sousa, 2008, p. 2)

Para obter sucesso na colonização, era preciso não apenas dominar fisicamente por meio da coerção, mas dominar cultural, social e politicamente. Como o referencial era o homem europeu, branco, logo se propôs a categorizar aqueles que eram diferentes, como os de pele vermelhas e escuras; estes eram vistos como inferiores, devido seus costumes e cultura, além de serem diferentes pelas suas cores. Foram impostos conceitos e diferenciação entre homem e mulher e raça. Alguns eram considerados homem e mulher – como o homem e a mulher brancos, enquanto outros eram reduzidos à concepção de macho e fêmea (qualquer pessoa que não fosse branca), o que demonstra a conotação racista e animalizada.

Inicialmente, a questão da vivência das mulheres não brancas e não cis-heteros seria abordada na linha anterior, por haver relação com o desenvolvimento da Linha 4. Porém, foi percebida a necessidade de separar esta da anterior para que maior atenção a esta linha fosse dada.

Conforme discorrido, às putas eram dado o lugar de objeto sexual pelos homens. A maioria destas mulheres, no período colonial, eram mulheres não brancas, o que implica dizer que as putas eram compostas maioritariamente por pretas e pardas, indígenas, pobres. Corpos que fogem ao padrão branco, como indígenas, pretos e pardos, amarelos, entre outros, são corpos animalizados, hipersexualizados e desumanizados, assim como os corpos que fogem do padrão estético corporal feminino de beleza, como corpos gordos, muito magros, deficientes, entre outros, em que este padrão é o da mulher magra, com seios grandes, cintura fina, bumbum empinado e pernas torneadas.

Os avanços do tempo, porém, não foram suficientes para que o pensamento de que a mulher preta só serviria de puta caísse no desgosto da população masculina e sexista. Um estudo do século XVIII e XIX compara a mulher negra à mulher prostituta, equiparando-as em libido e deformidades congênitas nas “performances sexuais” de cada uma (Fernandes,

2016). Danubia Fernandes (2016) aborda tal estudo, que se intitulava “a prostituta e a mulher normal”, e foi escrito por Cesare Lombroso e Guillaume Ferrero (1893).

O estudo acima não se trata de um escrito nacional, mas a vivência da mulher preta em território brasileiro não se configura de uma maneira muito distinta da citada acima. Zanello (2018) cita um ditado popularmente conhecido na época do Brasil colônia que ilustra perfeitamente a imagem da mulher preta para o patriarcado: “Branca para casar, mulata para foder e negra para trabalhar” (Maior, 1980, p. 56; Perez, 1969, p. 25, citado por Zanello, 2018). Um fenômeno atual que possui resquícios dessas concepções sócio-históricas, presente na vida das mulheres pretas, é a solidão da mulher preta (Zanello, 2018), em que essas mulheres frequentemente são procuradas para relacionamentos casuais, mas não são assumidas; ou seja, não são procuradas pelos homens para ter relacionamentos sérios, formarem família. Isso ocorre mesmo pelos homens pretos, que por vezes se casam com brancas e preterem as pretas, devido a prateleira do amor (dispositivo amoroso elaborado por Zanello, 2018) apresentar uma hierarquia da mulher ideal: branca, loira, jovem e magra. As pretas, velhas e gordas estão em posições inferiores de serem escolhidas, nesse contexto.

Historicamente, os corpos das mulheres passaram por um processo de sexualização, mas no caso das mulheres negras, além da sexualização, há um processo de desumanização e hipersexualização que perdura até hoje. Afinal, conforme fora discorrido, as mulheres pretas são vistas como mulheres disponíveis ao avanço sexual, por vezes relegadas a segundo plano nas relações afetivas heterossexuais: os homens a procuram para sexo, mas frequentemente não as assumem como parceiras, colocando-as novamente na prateleira do amor. Essa diferenciação entre os corpos ocorre devido à colonização de gênero e raça.

O contexto da prateleira do amor torna a situação da mulher preta em sociedade ainda mais vulnerável, visto que “essa prateleira é profundamente desigual e marcada por um ideal estético que, atualmente, é branco, louro, magro e jovem” (Zanello, 2018, p. 75). Tal como em qualquer posição de desvalorização e descrédito, a prateleira do amor não é um lugar que alguém gostaria de ocupar, mas que, se você for mulher, você já está lá, considerando que a cultura machista “erige para os homens um lugar extremamente privilegiado e protegido de serem aqueles que avaliam e julgam/escolhem as mulheres, dando a elas seu ‘valor’” (Zanello, 2018, p. 79).

A estrutura do racismo se firma ainda mais na vida cotidiana das mulheres pretas quando exige que, para serem escolhidas na prateleira, elas precisam ser o ideal de mulher: branca, loira, jovem e magra, algo que, com o tempo, se configura como inviável, visto que a beleza é mutável e seus corpos podem sofrer alterações inesperadas com o tempo, como o

ganho de peso e/ou a velhice, colocando-as cada vez mais fundo na prateleira. “O que está em xeque é a legitimidade da mulher como mulher, sua necessidade de ser ‘validada’ pelo olhar desejante de um homem. A possibilidade de ser ou se sentir passível de ser escolhida” (Zanello, 2018, p. 78) torna o discurso da “solidão da mulher preta” ainda mais digno de ser destacado, uma vez que ser preta torna-a inviável de ser escolhida.

O lugar como preterida da mulher preta na prateleira do amor e escolhida para relacionamentos casuais e/ou gratificação sexual tem uma demonstração com o dado da pesquisa do site Pornhub (2019): a busca pelo termo “negra gostosa” teve um aumento de 598% em 2019 por usuários brasileiros. Este lugar da preta como puta também foi problematizado na exposição de uma professora sobre a busca em uma plataforma de imagens da frase “mulher negra dando aula”, em que aparecia imagens explícitas de sexo com mulheres negras. Ao pesquisar “mulher branca dando aula”, não aparecia resultado com imagens sexuais. A diferença está no fato da mulher preta ser mais sexualizada que a mulher branca; afinal, a palavra “dando” possui uma conotação sexual a depender do contexto, o que não era o caso, visto que se buscava imagens de uma mulher negra ministrando aula. Quando um mesmo termo é usado para dois sujeitos diferentes e em só um caso aparece resultado diferente, com associação a elementos sexuais, é porque o problema está na construção sócio-histórica de um desses sujeitos (no caso, às mulheres pretas).

Em um post no grupo, uma participante negra discorria sobre flagrar no celular do parceiro uma conversa dele com outra mulher, dizendo que iria, em outras palavras, transar com a vulva branquinha que ela tem. Ela relatou estar se sentindo humilhada e com a autoestima baixa por isso, comentou o fato de saber que o parceiro assiste pornografia, que ele performava sexualmente de modo semelhante aos atores pornô, e não se importava com o seu prazer. Ao final do post, ela disse que eles terminaram. Outra participante negra realizou um desabafo sobre o parceiro ter assistido a vídeos com atrizes brancas, que possuem o biotipo totalmente diferente do seu - ele não assiste mais, mesmo assim ela relatou sentimento de insuficiência e insegurança; e uma terceira participante negra fez um post comentando que o parceiro comprou um brinquedo sexual com formato de uma genitália feminina branca, sentiu-se insegura e perguntou se estava exagerando com o ocorrido.

Nestes relatos, é possível identificar a preferência imposta da prateleira do amor, em que os parceiros valorizaram outra mulher pela cor de sua vulva, e conseqüentemente, de sua pele como um todo. São frequentes as vezes que mulheres pretas são trocadas pelos parceiros por outras mulheres brancas, e a sensação de ser comparada com uma mulher branca pode ser adoecedora por elas representarem o padrão estético de beleza feminino; é por isso que a

sensação de insegurança é perfeitamente compreensível, visto que a rivalidade feminina também é um dos componentes da prateleira do amor (Zanello, 2018).

Se trata-se de “ser escolhida”, quero ser o objeto mais brilhante, mais reluzente, ou apagar o brilho alheio. A competição se faz aqui evidente. Ser escolhida é sempre um valor relacional, ou seja, produzido na comparação com outras mulheres disponíveis também nessa prateleira simbólica. Além disso, trata-se de dar a elas o que elas querem e precisam ouvir, e produzir a sensação de serem “escolhidas” ou diferentes das demais. “De fato, como membro de uma classe oprimida, ela própria participa dos insultos dirigidos às outras iguais a ela, esperando, com isso, tornar óbvio que ela, como indivíduo, está acima do comportamento das outras” (Firstone, 1976, p. 160). (Zanello, 2018, p. 89)

Com isso, não se trata de dizer que as participantes pretas que fizeram os relatos estão rivalizando diretamente com mulheres brancas, mas sim de mostrar que a rivalidade e a insegurança fazem parte do dispositivo amoroso. São estes elementos que dão o poder de escolha e consequente superioridade aos homens.

O sofrimento da mulher preta em todo o contexto de vida humana já registrado, trouxe ao pensamento moderno, principalmente após a ascensão do feminismo juntamente ao movimento negro, a necessidade de se repensar as diferenças na vivência da mulher preta, tal como as suas demandas (diferentemente das demandas da mulher branca do feminismo) mais voltadas para a raça, classe, hipersexualização, animalização, saúde reprodutiva e afins. Dessa forma, “o feminismo negro foi sendo consolidado com o surgimento de organizações não governamentais (ONGs), a saber: Nzinga-Coletivo de Mulheres Negras (RJ), Criola (RJ), Geledés (SP), Fala Preta (SP) etc., voltadas para o combate à violência doméstica e à discriminação racial e para os cuidados no âmbito da saúde reprodutiva” (Damasco, Maio & Monteiro, 2012).

Que a prateleira do amor é racista, já se sabe. Mas outro detalhe não citado neste dispositivo de gênero é a cisheteronormatividade compulsória, que dá preferência para mulheres cis (Rosa, 2020). A cisheteronormatividade compulsória representa um dispositivo de gênero que implica que os sujeitos devem se identificar com o sistema binário (ou quando isso não acontece, adequar-se): identificar-se com a identidade de gênero de acordo com o sexo biológico, e ter atração pelo sexo oposto.

As mulheres trans e travestis são excluídas do dispositivo amoroso, por não serem ao menos citadas: branca, loira, jovem, magra e cisgênera (Zanello, 2018). Às pessoas desviantes do sistema binário eram (e são) destinadas ao lugar da exclusão e marginalização. É por isso que muitas mulheres trans e travestis recorrem à prostituição, por falta de oportunidades no mercado de trabalho; além disso, dificilmente essas mulheres são procuradas para

relacionamentos amorosos estáveis, e em contrapartida, a categoria “transgender” (transgênero) é 98% mais acessada no Pornhub (2019) por brasileiros em comparação a outros usuários ao redor do mundo, o que demonstra que o lugar social dessas mulheres no Brasil é o lugar de putas, de objetos sexuais.

Um relato de uma participante que se identificou como mulher trans citava que a pornografia e outros dispositivos de gênero fazem com que seja sofrido viver como uma mulher trans, é assediada e reduzida a objeto sexual em nossa sociedade. No grupo, foi extremamente difícil achar um relato de mulher trans; travesti, então, não foi encontrado, isto é um dado relevante sobre a participação das mulheres neste grupo (assim como relatos de mulheres indígenas e amarelas sobre suas vivências). O relato representa o cotidiano de várias mulheres trans e travestis ao redor do Brasil, e o dado trazido pelo Pornhub (2019) sobre a busca pelo termo “transgender” demonstra como estas mulheres são desumanizadas e sexualizadas.

As lésbicas também são extremamente fetichizadas. O termo “lesbian” foi o segundo lugar da categoria de mais vistos e terceiro lugar dos termos mais procurados mundialmente, e a terceira categoria mais pesquisada por usuários brasileiros (PornHub, 2019). No grupo, foram vistos comentários sobre como os vídeos pornôs categorizados como lésbicos não correspondiam ao sexo lésbico real, e como esses vídeos são feitos para os homens assistirem; ou seja, as lésbicas não se identificam com a maioria dos conteúdos rotulados como lésbicos disponibilizados na pornografia convencional, de amplo alcance. Inclusive, havia um post que uma participante reclamava sobre sua sexualidade ser tratada como objeto de satisfação sexual masculina, ao encontrar um livro denominado “Lesbians for men”, cujo conteúdo era fotos de mulheres em contexto erótico.

Ao mesmo tempo, a influência da pornografia está alcançando até mesmo as mulheres não heterossexuais, principalmente as lésbicas. É frequente ver no grupo mulheres dizendo que estão livres de passarem por algumas situações por não serem heterossexuais, como o consumo da pornografia por parceiros, desconforto em atos sexuais devido ao problema citado anteriormente, entre outros, mas em outro post uma participante disse que em suas conversas com outras mulheres lésbicas, estas também estão dando preferência à vulvas depiladas de suas parceiras e à vulvas de cor clara, e outras participantes concordaram com ela, sobre ter mulheres que estão enfatizando a preferência pela depilação íntima. As participantes ficaram discutindo sobre como isso é reprodução da pornografia e consequentemente, do discurso machista (ou seja, do dispositivo de gênero representado por uma tecnologia de gênero).

Mesmo que seja um relacionamento afetivo entre mulheres, elas não estão livres de reproduzirem os discursos dos dispositivos de gênero apresentados durante a socialização como mulher, presente desde a infância. Como comentado por uma participante no post citado anteriormente, em relacionamentos lésbicos é comum ter a reprodução de poder e hierarquia de modo como as relações heterossexuais possuem; é o discurso da (cis)heteronormatividade compulsória incorporado por elas, em que esta representa um modelo político e afetivo de estrutura de relacionamentos.

Em relação a sexualização de mulheres amarelas, isso fica presentificado ao percebermos que os termos mais pesquisados no site Pornhub (2019) foram, em 1º lugar, “japanese”, “hentai” em 2º, “korean” em 5º, e “asian” em 6º. Ou seja, são termos referidos a mulheres amarelas. Hentai, em específico, “significa pervertido no idioma japonês” e refere-se a “desenhos originários da cultura japonesa que possuem teor pornográfico” (Junior & Okabe, 2015, pp. 16-17). O corpo das mulheres asiáticas são fetichizados, hipersexualizados e essas mulheres são consideradas “exóticas” (National Network to End Domestic Violence [NNEDV], 2016). As mulheres amarelas são vistas como mulheres submissas, cuja submissão é encarada como erótico, ao passo que são hipersexualizadas: ou seja, como se elas fossem ferozes na cama (hipersexualizadas), que aceitam tudo o que pedir (submissas), o que as deixa vulneráveis a violências.

Esses estereótipos das amarelas se devem principalmente pelo imperialismo americano sobre os povos asiáticos, que ocorre de modo semelhante à colonização. “A ordem colonial-imperialista opera por lógicas produtoras de segmentações (étnico-raciais, nacionais, religiosas) e marginalizações (centro-periferia, sujeito-objeto) inerentes ao seu saber/poder” (Ferreira, 2014, p. 256).

As mulheres gordas passam pelo processo de serem escolhidas ou não devido aos seus corpos. A gordofobia, segundo Jimenez (2020, p. 345), caracteriza-se pela estigmatização de um corpo que não está no padrão do corpo magro “tido como belo e saudável, . . . sendo considerado feio, assexuado, anormal, doente, nojento, portanto, excluído socialmente. Esta discriminação é conhecida como gordofobia, preconceito que leva à exclusão social”.

No grupo analisado por nós, pesquisadoras, encontramos relatos de mulheres gordas que disseram que seus parceiros frequentemente não as assumiam, mas só eram procuradas para sexo, cujo conhecimento desta relação era mantido apenas entre eles na maioria das vezes. Uma integrante, em específico, que se identificou como uma mulher gorda, relatou sobre um caso que teve com um homem, em que a procurava somente para fazer sexo agressivo, e com outro homem que chegou a “assumi-la” publicamente, mas na hora do sexo,

propunha uma série de castigos físicos e verbais humilhantes, pois apenas isso o excitava e lhe deixava com o pênis ereto. Quando isto não funcionou mais, ele parou de entrar em contato com ela e passou a se relacionar repentinamente com uma mulher mais magra.

Este é um de vários relatos do grupo, em que apenas com este relato, seria possível destrinchar diversas linhas presentes nas concepções de sexualidades femininas (como por exemplo, ela ter relatado a forma negativa e maternal como a obesidade de sua mãe era vista pelo seu pai, demorar a ter experiências sexuais e utilizar-se da pornografia para aprender a fazer sexo – pedagogia afetiva –). Na prateleira do amor, as mulheres gordas estão em desvantagem, e frequentemente são relegadas ao lugar de puta, em relacionamentos casuais e/ou meramente sexuais. De acordo com o relato, a participante foi literalmente trocada por outra mulher que possui maior valor social, o que demonstra uma representação da prateleira do amor na prática.

Neste sentido, é possível analisar este relato da mulher gorda com a prática disciplinar proposta por Bartky (1997), referente a “produção de corpo de um certo tamanho e forma”. Por a mulher gorda não estar no padrão de ser magra, ela é preterida na escolha da prateleira do amor, e dificilmente é escolhida para ser assumida como parceira fixa, mas pode ser parceira sexual, contanto que seja em sigilo. A participante do grupo relatou usar a pornografia com objetivo de aprendizado para poder transar e diz arrependê-lo, pois aponta que a pornografia deu início a várias demandas sexuais, incluindo a falta de libido. Neste relato, está presente a pedagogia afetiva, a produção de corpos e a prateleira do amor; frequentemente as mulheres gordas são colocadas no papel de puta, cujo relacionamento dos homens com elas são para gratificação sexual.

Com esta linha, buscamos esboçar como a colonização engendrou as formas cujas mulheres não brancas, não cisheteronormativas e gordas são vistas pela sociedade brasileira, e como ela atualiza estas percepções através das tecnologias e dispositivos de gênero. De modo geral, às mulheres citadas nesta linha (as pretas, trans, gordas, amarelas, lésbicas), é designado o lugar da puta da sociedade: mulheres em que se pode ter prazer, desde que sigilosamente, e descartá-las. Abordaremos, na linha seguinte, as “putas” propriamente ditas pela sociedade: as que vendem o corpo.

LINHA 5 – PROSTITUIÇÃO E PORNOGRAFIA

Em debates acerca da pornografia, torna-se quase que impossível não mencionar o tópico da prostituição, visto que os dois tópicos (aparentemente) caminham juntos. Segundo Santos et. al (2019), a palavra “pornografia” tem origem em duas expressões oriundas do grego, *porné* e *grafos*, que significam, literalmente, “escrever sobre prostitutas”. “Mas a expressão da palavra *porné* designava a categoria mais vil de prostitutas, a *pórmai*, que deriva da palavra *pérnemi* que seria o mesmo que “vender”, estava abaixo até das escravas na pirâmide social (DWORKIN, 1981)” (Santos et. al, 2019, p. 3).

Dentro do contexto da sociedade ocidental, e isso não somente na contemporaneidade, a mulher prostituta é vista historicamente como uma mulher “suja”, “corrompida”, etc. Mesmo em termos de pornografia, onde não há contato direto como na prostituição, existe o estigma de “sujeira” direcionado à imagem da mulher, de acordo com Santos et. al (2019).

Um aspecto que diferencia a prostituição da pornografia é a ausência de contato físico com o cliente, mesmo sem a interação física ainda assim ela é tida como “suja”, fruto da concepção de que a genitália feminina é suja, libidinosa, impura, e sua visão desnuda é transgressora e impura (DWORKIN, 1981). A indústria pornográfica não desmistifica essa afirmativa, ‘[...] em vez disso, a pornografia incorpora e explora esta ideia; a pornografia vende e a promove’, quando mostra mulheres em situações

degradantes, tendo sua genitália posta em condições desumanas e violentas (DWORKIN, 1981, p. 203-204). (Santos et al., 2019, p. 4)

Um ponto a ser levado em conta, postulado por Silva (2018, p. 2), é o de que “não se pode esquecer que essas mulheres são seres humanos que têm sua própria voz e cuja presença tem adentrado diversos contextos em busca das rédeas do discurso”. Ponto tal que se faz valer por manifestações e diversas outras formas que as prostitutas encontraram de contar suas histórias, reivindicar direitos e se posicionarem contra a objetificação de seus corpos, trazendo à tona rupturas na história que não nos é contada acerca do contexto que leva essas mulheres ao mercado da prostituição, como dito por Silva (2018).

Ademais, pensando a vivência das mulheres prostitutas, o seu contexto de introdução ao mercado da prostituição nos remete o conceito de poder postulado por Michel Foucault, que, na prática é uma palavra que denota controle, força, persuasão, etc, segundo Ferreirinha & Raitz (2010). Contudo,

pensando suas vidas, tratando de si e gerindo novos caminhos, essas prostitutas encontram uma fenda no mecanismo de poder, recriando a si mesmas e elaborando novas maneiras de existir no mundo, assim como novos modos de relacionar-se consigo e com o outro (COUTO, 2012). (Silva, 2018, p. 3)

Para além da prostituição como a conhecemos, com o advento da chegada da pornografia na internet, surgiram as chamadas *CamGirls*, *Web Strippers* ou *WebCam Models*. Basicamente, trata-se de uma modalidade de serviços sexuais na qual a modelo realiza as fantasias dos clientes de modo *on-line*, chegando a simular o ato sexual, segundo Favalessa (2019, p. 32).

A indústria do sexo *on-line*/virtual sempre esteve operante, e inclusive crescia antes do período pandêmico durante os anos 2019-2020, porém, com a quarentena instaurada no início de 2020 e o respectivo isolamento social, a procura por serviços sexuais no mundo virtual aumentou, enquanto a procura por serviços sexuais presenciais caiu; como dito por Passos e Almeida-Santos (2020, p. 4237): “houve aumento no número de acessos nos websites de prostituição entre o ano de 2019 e 2020, seguido de queda com a advento da crise pandêmica por coronavírus”. Isso é perceptível, por exemplo, no aumento do acesso de sites pornográficos na pandemia como já citado neste trabalho (PornHub 2020, 2021), e a venda de conteúdos sexuais foi incrementado com o aparecimento e popularização de redes sociais que facilitam a exposição do corpo e transição monetária.

A indústria do sexo operada através de tecnologias virtuais é representada por serviços de venda *on-line* mediante webcam, venda de fotos e vídeos; ou publicidade, marketing e organização do trabalho para facilitar os serviços e organizar encontros *off-line* – ou seja, presenciais. (Passos & Almeida-Santos, 2020, p. 4238)

Um exemplo popular deste tipo de plataforma é o site *OnlyFans*, que permite que seja criada uma conta (ser um “criador” de conteúdo), cujo acesso ao conteúdo desta conta é dado para aqueles que pagam uma mensalidade ou uma taxa anual (os “fãs”). Neste site, é possível postar fotos, vídeos, textos, áudios, entre outros. Essa plataforma não é exclusiva para conteúdo erótico, mas é frequentemente procurada pelas facilidades e políticas de uso que possui para quem busca disponibilizá-lo e/ou consumi-lo. O *Instagram*, que é uma plataforma voltada para publicação de fotos e vídeos, assim como o *OnlyFans* não tem finalidade de ser uma rede social exclusiva de conteúdo erótico, porém diversas usuárias (e usuários) também vendem o acesso a mídia temporária erótica através da ferramenta “*Story*”, com a venda de vagas para ter acesso exclusivo aos *stories* postados na seção de “Amigos Próximos”, onde só quem está adicionado a esta lista pode assisti-la. Informalmente, as produtoras de conteúdo erótico de maior reconhecimento e popularidade que postam estes *stories* selecionados podem ganhar em torno de R\$ 2.000,00 por vaga vendida na lista.

Em ambas as plataformas citadas, há a possibilidade de vender pacotes de fotos e vídeos (denominados *packs*), cujo conteúdo erótico pode conter desde insinuações leves, com uso de roupas, *lingerie*, até o “corpo nu, masturbação, sexo explícito etc.” (Passos; Almeida-Santos, 2020, p. 4244), e caso o consumidor queira algo exclusivo feito para ele, terá que desembolsar mais dinheiro. Além dessas redes sociais, há uma atividade que propõe a/o vendedor/a de conteúdo sexual a se expor a uma câmera, prática comumente chamada de *camming* ou *Cybervoyeurismo*. Nestes vídeos, na maioria das vezes feito de modo síncrono, a/o vendedor/a realiza fetiches do comprador do serviço.

No grupo, havia relatos de mulheres que já fizeram *camming*. Uma participante relatou que ser *camgirl* lhe trouxe diversos impactos sobre seu estado psicológico, devido a interações que ela tinha com os homens, de ter que submeter às fantasias deles (ela foi vítima de abuso sexual na infância e lhe foi requerido que ela se fantasiasse de criança, o que lhe afetou muito psicologicamente após cumprir esse pedido) e de ouvir suas histórias, que iam até atos como zoofilia. Ela disse que praticamente todos os seus clientes eram comprometidos, e mesmo assim procuravam pelos serviços dela, ou seja, que eles traíam as suas parceiras.

Em outro post do grupo, havia o desabafo de uma moça que contava sobre como era ser uma criadora de conteúdo no *OnlyFans*. Ela relatou que é muito destratada pelos seus fãs (que assinam seu conteúdo) por vender seus *packs*, fazendo-a sentir diminuída e como isso prejudica sua autoestima; quando algum desconhecido passa a saber com o que ela trabalha, muda totalmente o tratamento com ela; que foi descoberto pela sua família que ela vende

conteúdo erótico íntimo, e por isso seus familiares também mudaram a forma de tratá-la; seu conteúdo é vazado para outros sites rapidamente, o que faz diminuir seu rendimento e lucro. No seu relato é possível perceber como esse trabalho lhe deixou insegura com o corpo e como mudou a sua autopercepção, quando ela fala que esperam que ela seja “burra” e devido ao seu trabalho ela tem que aceitar tudo o que dizem a ela por ter se submetido a vender *packs*, prossegue ao dizer que se arrepende de ter criado uma conta no *OnlyFans*, e não indica que ninguém comece a fazer venda de mídia erótica.

Mesmo não sendo um trabalho presencial, como as prostitutas realizam, o trabalho sexual virtual também impacta as mulheres. O dinheiro fácil vem às custas do aspecto psicológico, emocional e social (pois por muitas vezes essas mulheres são rejeitadas e afastadas do seu círculo familiar e social). Ainda que essas mulheres queiram sair desse ramo, as consequências são sentidas a longo prazo: afinal, uma vez que um conteúdo é postado na internet, não se tem mais o controle sobre ele, pois as mídias podem ser salvas e replicadas em outros sites a qualquer momento. Os relatos demonstram o lugar da puta na sociedade: são, literalmente, consumidas e usadas para o prazer sexual dos homens, mas rebaixadas como seres inferiores a eles.

Esse último aspecto é semelhante ao relato de outra participante que também vendia *packs* e já foi *sugar baby* (relacionamentos entre homens mais velhos - denominados *sugar daddy* - e mulheres jovens, em que eles dão presentes e dinheiro em troca de favores sexuais). Ela tem medo de que possa ser reconhecida a qualquer momento, e ser exposta no outro trabalho que possui atualmente, e seu relato é bem parecido com os anteriores: a questão dos impactos psicológicos, a exposição, ser reduzida a um objeto sexual, e aconselhou a pensarem sobre este trabalho, que possui retorno rápido, mas consequências a longo prazo. Essa é uma das principais consequências que geram sofrimento às mulheres que param com trabalhos sexuais (sejam online ou não): de serem reconhecidas e humilhadas pelo seu passado. O arrependimento dessas mulheres é constante.

(...) na vertente liberal traz a defesa sobre a liberdade sexual da mulher e que se trata de um trabalho como qualquer outro desde que elas sejam respeitadas, ao contrário da vertente radical que afirma que a pornografia e a prostituição são exemplos da dominação de gênero e estão longe de representar a liberdade e o empoderamento feminino. (Santos et al., 2019, p. 3)

O trecho acima comenta sobre como os feminismos debatem a prostituição. De fato, não se trata de um trabalho qualquer. A prostituição envolve uma série de consequências, exposições e vulnerabilidades às mulheres que trabalham nesta área. Uma pesquisa realizada com prostitutas na Alemanha (Berlin, 2006), país cuja prostituição é regulamentada e

legalizada, mostra que a regulamentação não implica em um trabalho sexual seguro. Comparado com detentas, refugiadas, e imigrantes turcas e do Leste Europeu, 92% das prostitutas do estudo relataram ter sofrido assédio sexual (média geral = 58%), 82% sofreram violência psicológica (m. g. = 42%), 87% sofreram violência física (m. g. = 32%), 59% sofreram violência sexual (m. g. = 12%) e 62% sofreram violência sexual ou física por um parceiro (m. g. = 25%) (Berlin, 2006).

As prostitutas só não tiveram porcentagem maior que as detentas na violência psicológica e violência física (89% e 91% respectivamente, referente às detentas) e tiveram o mesmo índice das detentas sobre assédio sexual (92%), enquanto as maiores porcentagens de violência sexual (59%) e de violência sexual ou física cometida por um parceiro (62%) foram obtidas pelas prostitutas, o que significa que no geral, tiveram porcentagens acima da média. As prostitutas também estão mais vulneráveis em serem contaminadas por infecções sexualmente transmissíveis (Kampman, Hoebe, Koene et al., 2020).

O artigo de Mariana Silva (2017) demonstra a grande vantagem para o Estado sobre a regulamentação da prostituição, por ela movimentar o mercado do sexo, de modo semelhante ocorre com a pornografia:

Calcula-se aproximadamente 400.000 prostitutas no país e 1.2 milhão de clientes para usar seus serviços por dia. Esse comércio movimentava cerca de 6 bilhões de euros por ano, algo equivalente a empresas como Porsche e Adidas. Isso pode apontar o por que da diminuição da prostituição não ser favorável para o Estado e para os grandes empresários que lucram com a atividade, de forma que eles acabam se contentando em apenas regulamentá-la, sem tomar medidas direcionadas a garantir seu término. (Silva, 2017, p. 81)

Este trecho mostra como a prostituição movimentava o capitalismo com o mercado do sexo (isso sem contabilizar o turismo sexual existente, pois como a Alemanha é um país que possui prostituição legal e regulamentada, é um atrativo para turistas). Com esta linha buscamos mostrar como a prostituição e a pornografia são “parceiras” nesse sentido: são lucrativas para aqueles que a regulamentam e distribuem, mas não para aquelas que estão dentro dessas atividades sexuais (em particular, mulheres cis, trans e travestis), o que implica na desigualdade, além de ambas trazerem consequências e malefícios para aqueles que exercem tais atividades. Inclusive, um dos mitos frequentemente associados à pornografia é de que o usuário não prejudica ninguém ao consumir conteúdo pornô – na prática, os sites pornográficos não possuem o controle efetivo de quem são as pessoas que estão “estrelando” aquele material, a saúde física e mental dos atores (Fradd, 2017), as condições de produção do conteúdo, se há uma remuneração, entre outros. Procuramos trazer um aspecto da vivência

dessas trabalhadoras sexuais que muitas vezes não são comentados quando realizam a glamourização do trabalho sexual, incluindo quando isto é feito pelas próprias feministas, objetos de análise da próxima linha.

LINHA 6 - FEMINISMO E PORNOGRAFIA

A pornografia é um tema muito discutido pelas feministas. Há quem considere uma forma de empoderamento, e outras que alegam que é mais uma forma aprendida de reprodução do patriarcado sobre os corpos femininos, mesmo que seja intitulada “pornografia feminista”. Nosso objetivo não é trazer um debate sobre qual dos lados está certo ou fazer juízo de valores, mas sim investigar o que há por trás da pornografia como dispositivo de gênero e apresentar ao leitor as diferentes opiniões existentes no meio feminista acerca da pornografia.

Por mais que a pornografia não seja um tema amplamente discutido, por haver um certo tabu, há anos que ocorrem problematizações acerca da indústria pornográfica. Estudos apontam como o uso da pornografia influencia na percepção de homens sobre as mulheres, demonstram o nível de violência direcionado às atrizes pornôs (Bridges, Wosnitzer, Scharrer, Sun & Liberman, 2010; D’Abreu, 2013), além dos sites pornográficos não possuírem controle efetivo sobre os conteúdos postados em suas plataformas, que envolvem vídeos reais de abusos sexuais (inclui-se vídeos com abusos de menores de idade; um caso recente é de uma jovem de 15 anos desaparecida que foi encontrada em vídeos em sites pornôs [Testi, 2019]),

vídeos protagonizados por vítimas de tráfico sexual, além de pornografia de vingança; estas são algumas das problemáticas envolvendo a produção e distribuição de conteúdos pornográficos.

Assim como postulado por Favalessa (2019), “o feminismo, como método científico, trata de explorar exatamente a sexualidade como norte de suas discussões” (p. 8), desse modo, a pornografia, por ser uma pauta de cunho sexual, também entrou nos debates feministas. Tal como outros pontos importantes de discussão, a questão da pornografia divide opiniões no meio feminista, pois, dentro de seu contexto, o feminismo traz consigo vertentes que norteiam a subjetividade das opiniões das mulheres que o seguem. E, no tocante à pornografia, existem duas vertentes específicas que se chocam em seus posicionamentos. Uma delas é o feminismo radical, que tem por sua maior característica a exclusão de mulheres trans devido ao fato de suas demandas não serem propriamente feministas. Segundo Ribeiro, O’Dwyer & Heilborn (2018), “ativistas dessa vertente rechaçam mulheres trans, enfatizando a socialização masculina que receberam e a falta de experiências femininas, tais como a menstruação. Nesse caso, as mulheres trans são negadas em sua identidade e tratadas como homens” (p. 85). Feministas radicais acreditam na pornografia como sendo mais uma forma de dominação de gênero, bem como acreditam que ela está longe de representar a liberdade e o empoderamento feminino, como postulado por Santos et al. (2019, p. 3).

O debate do feminismo radical, opta por fomentar e salientar a expressão da sexualidade agressiva do macho, tendo a pornografia como o maior representante de tal agressividade na contemporaneidade (Gutiérrez, 2006, citado por Pinto, Nogueira e Oliveira, 2010), visto que ela não deixa “de reforçar hierarquias de poder entre homens e mulheres” (Pinto, Nogueira & Oliveira, 2010, p. 378).

Outra vertente do feminismo é a denominada feminismo liberal, que, diferente do que é pensado pelo feminismo radical, acredita-se que a melhor forma de se combater às desigualdades de gênero dentro da indústria pornográfica, é produzindo conteúdos adultos sob outras perspectivas que não a do homem cis branco. Dessa forma, passa a existir a chamada pornografia feminista, com o intuito de trazer à tona um olhar diferente sobre o sexo heteronormativo, de acordo com Pinto, Nogueira & Oliveira (2010, p. 6).

Diretoras desta linha apontam que seus filmes são diferentes por buscarem a igualdade da importância do prazer de todos os envolvidos no ato, sejam homens ou mulheres; com diferenciações na estética e roteiros, procurando criar situações em que as mulheres pudessem se perceber como protagonistas e não apenas coadjuvantes. O objetivo destas produções é, segundo as próprias diretoras, mostrar o ato sexual com mais respeito às mulheres. (Santana & Rubim, 2014, p. 4)

...E “produzir um conteúdo que busque promover a emancipação feminina” (Barros, Machado, Biá & Guerreiro, 2020, p. 10).

Apesar de haver divergências sobre a pornografia em tais vertentes do feminismo, Vaz (2019) em sua pesquisa sobre a pornografia feminista e a opinião de diversas mulheres a esse respeito, chegou à conclusão de que “há uma necessidade de reestruturação da indústria atual para uma maior possibilidade do reconhecimento da existência da pornografia feminista”, visto que empresas continuam lucrando com a imagem de mulheres (Vaz, 2019, p. 71). A autora conclui, também, que, para ser possível a produção de conteúdo pornográfico feminista, é necessário que as mulheres reconheçam tal produto como sendo feminista, o que acaba ficando difícil, visto que o próprio conceito de feminismo é diferente para cada mulher entrevistada.

No grupo cartografado, as participantes se declaravam feministas e se consideravam antipornografia pelos males estruturais que a pornografia perpetua, como a pedagogia afetiva e por ser dispositivo de gênero (não necessariamente nessas palavras, mas de acordo com o discorrido neste trabalho, é onde suas opiniões se encaixam em suas críticas); a pornografia não se reduz, porque por mais que ela seja “pornografia feminista”, há dispositivos de gênero engendrados a esta tecnologia de gênero, que são reproduzidas mesmo nas pornografias dirigidas por mulheres. O debate da pornografia é preciso ser feito com muita cautela, pois não pode ser relativizado com soluções simples; as participantes apontam que não é sobre ser contra a pornografia de modo moral, mas ser contra o que ela reproduz, como ela têm a sua estrutura sustentada na opressão de gênero, além dos (possíveis) efeitos na subjetivação (vícios, visão deturpada sobre o outro gênero e sobre relações sexuais, entre outros).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da finitude do tempo que nos foi disposto para a realização e finalização deste trabalho, o fizemos certas de que, escrever sobre um tema considerado tabu nos aqueceria o coração com a certeza de que doamos todos os nossos afetos em prol de uma pesquisa que nos provocou a experiência de dar vida à pensamentos e inquietações. Pesquisa tal que nos levou aos limites de nossos desconfortos, fazendo com que nossa língua gaguejasse palavras de nosso próprio idioma, pois, tal como posto por Correia (2013, p. 78) “ser gago da linguagem implica colocar a língua em devir, na corda bamba. Deixar a língua vazar, correr entre fluxos e cortes permanentes. Traçar uma linha de fuga na sua própria língua. Desterritorializá-la”.

Assim, deixamos que nossas inquietações, aquilo que nos provocou tantas dúvidas ao longo das nossas vivências, nos tirasse das nossas zonas de conforto para que passássemos a habitar um território de observadoras, de modo que pudéssemos visualizar com mais clareza o emaranhado de linhas das tecnologias de gênero, para que conseguíssemos traçar as linhas de problematização presentes neste trabalho.

Dessa forma, desembolando linhas e desatando nós, pudemos perceber mais uma vez as características da sociedade brasileira como racista e cisheteronormativa, em que muitos brasileiros, hipocritamente, usam as mulheres não brancas, trans e travestis para seu prazer sexual. Frequentemente as usam como objetos descartáveis, mas assumem relacionamentos com as mulheres ideais. Estes fatos podem ser identificados como linhas presentes no dispositivo de gênero, afinal, o racismo e cisheteronormatividade estão presentes nos dispositivos da prateleira do amor, pedagogia afetiva e da pornografia como tecnologia de gênero, especificamente.

Mesmo enquanto aprendizes da pesquisa e escrita cartográfica, buscamos trazer os aspectos que estão por trás dos dispositivos de gênero, e com isso, referente à prostituição, não julgar as mulheres que entram nesse ramo por terem necessidade financeira, mas entender os seus motivos.

Um fator limitante deste trabalho foi a falta de material científico acerca da pornografia e prostituição, pois frequentemente encontramos materiais informais sobre essas linhas, assim como artigos que falem sobre mulheres amarelas e indígenas em geral, sobre a sexualização delas, é mais escassa ainda a literatura. Isso indica que a academia tem pouco interesse em estudos sobre essas mulheres, e/ou que elas não estão ocupando este espaço.

“Quando a língua está tão tensionada a ponto de gaguejar ou de murmurar, balbuciar..., a linguagem inteira atinge o limite que desenha o seu fora e se confronta com o silêncio” (Deleuze, 1997, p. 128, citado por Correia, 2013). É dessa forma, em meio ao silêncio ensurdecido das nossas inquietações e interrogações, que (in)concluimos uma pesquisa que deixa linhas soltas e muitos nós a serem desatados ao longo da história das mulheres.

REFERÊNCIAS

- Abreu Filho, O. Mil platôs. (1998). Capitalismo e esquizofrenia. *Mana* [online], 4(2), 143-146. [Acessado 29 Maio 2021]. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-93131998000200008>>. ISSN 1678-4944.
- Alves, B. M., & Pitanguy, J. (2017). *O que é feminismo*. [Kindle version]. Retrieved from <https://amz.onl/4R0itgw>.
- Azevedo, N. D., & Ferreira Junior, J. T. (2017). Pornografia e literatura: uma história pelo buraco da fechadura. *Revista Graphos*, 19(2), 140-164. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1516-1536.2017v19n2.37690>
- Barros, E. A. de, Machado, L. M. A., Biá, M. G. de S., & Guerreiro, R. A. (2020). A mulher como produto de satisfação masculina na pornografia: uma análise histórico-social. *REVES - Revista Relações Sociais*, 3(4), 17001-17014. <https://doi.org/10.18540/revesv13iss4pp17001-17014>

- Bartky, S. L. (1997). "Foucault, Femininity and the Modernization of Patriarchal Power" from Katie Conboy, Nadia Medina, and Sarah Stanbury (eds.), *Writing on the body: Female embodiment and feminist theory*, pp.129-154, New York: Columbia University Press ©
- Baumel, C. P. C. (2019). *Uso de pornografia e sua influência na satisfação com os relacionamentos amorosos*. (Doctoral thesis). Retrieved from Repositório da Universidade Federal do Espírito Santo (11206).
- Baumel, C. P. C., Guerra, V. M., Garcia, A., & Rosário, A. G. (2020). Consumo de Pornografia e Relacionamento Amoroso: uma Revisão Sistemática do Período 2006-2015. *Gerais : Revista Interinstitucional de Psicologia*, 13(1), 1-19. <https://dx.doi.org/10.36298/gerais2020130103>.
- Baumel, S. W. (2014). *Investigando o papel da masturbação na sexualidade da mulher*. (Master's dissertation). Retrieved from Repositório da Universidade Federal do Espírito Santo (3094).
- Beauvoir, S. de. (1967). *O segundo sexo*. Vol. 2. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Berlin, Ministry for Family Affairs, Senior Citizens, Women and Youth. *Health, well-being and personal safety of women in Germany: A representative study of violence against women in Germany*. (2006). Recuperado de <https://www.bmfsfj.de/bmfsfj/meta/en/publications-en/health-well-being-and-personal-safety-of-women-95704>.
- Bridges, A. J., Wosnitzer, R., Scharrer, E., Sun, C., & Liberman, R. (2010). Aggression and sexual behavior in best-selling pornography videos: A content analysis update. *Violence against Women*, 16, 1065–1085.
- Campos, E. C. P. (2006). *Do obsceno à cena* (Monografia). Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. Recuperado de <https://www.ufjf.br/facom/ensino/graduacao/projetos-experimentais-2/2005-2/>.
- Coelho, M. P. (2016). Vozes que ecoam: Feminismo e Mídias Sociais. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 11(1), 214-224. Recuperado em 01 de junho de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000100017&lng=pt&tlng=pt.
- Correia, P. P. (2013). Poesia: a "máquina de guerra" do pensamento. *Revista Texto Digital*, 9, 68-94. doi: <https://doi.org/10.5007/1807-9288.2013v9n1p68>.
- D'Abreu, L. C. F. (2013). Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. *Psicologia & Sociedade* [online], 25(3), 592-601. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000300013>>. Epub 24 Jan 2014. ISSN 1807-0310.
- Damasco, M. S., Maio, M. C., & Monteiro, S. (2012). Feminismo negro: raça, identidade e saúde reprodutiva no Brasil (1975-1993). *Revista Estudos Feministas* [online]. 20(1),

- 133-151. [Acessado 28 Maio 2021]. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000100008>>. Epub 25 Abr 2012. ISSN 1806-9584.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, I*. Rio de Janeiro: Ed 34. 94 p.
- Dourado Gonçalves F. T., et al. (2020). Imagem corporal feminina e os efeitos sobre a saúde mental: uma revisão bibliográfica sobre a intersecção entre gênero, raça e classe. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, (39), e2194. <https://doi.org/10.25248/reas.e2194.2020>.
- Favalessa, F. L. (2019) *A sexualidade feminina sob a ótica da prostituição: uma análise feminista da prostituição no Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) - Faculdade de Direito de Vitória - FDV, Vitória, ES/Brasil. Recuperado de <http://191.252.194.60:8080/handle/fdv/788>.
- Fernandes, D. de A. (2016). O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude. *Revista Estudos Feministas*, 24(3), 691-713. <https://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p691>.
- Ferreira, A. C. (2014). Colonialismo, capitalismo e segmentaridade: nacionalismo e internacionalismo na teoria e política anticolonial e pós-colonial. *Sociedade e Estado*, 29(1), 255-288. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000100013>.
- Ferreirinha, I. M. N., & Raitz, T. R. (2010). As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. *Revista De Administração Pública*, 44(2), 367-383. Recuperado de <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6928>.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, 29. Petrópolis: Vozes. 288 p.
- Foucault, M. (1995). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal. 295p.
- Foucault, M. (1999). *História da sexualidade I: a vontade de saber*, 15. Rio de Janeiro: Graal. 152 p.
- Fradd, M. (2017). *The porn myth: Exposing the reality and the fantasy of pornography*. Ignatius Press: San Francisco. 280 p.
- Guattari, F., & Rolnik, S. (1996). *Cartografias do desejo*, 4. Petrópolis: Ed Vozes. 327 p.
- Guerra, V. M., Andrade, F. C. B. de & Dias, M. R. Atitudes de estudantes universitários frente ao consumo de materiais pornográficos. (2004). *Estudos de Psicologia* (Natal) [online], 9(2), 269-277. [Acessado 24 Maio 2021]. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000200008>>. Epub 17 Jun 2005. ISSN 1678-4669.
- Jimenez, M. L. J. (2020). Pd Prazeres dissidentes: pornografia gorda nas redes digitais. *CSONline - REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS*, (31), 15. <https://doi.org/10.34019/1981-2140.2020.30592>.

- Junior, L. de L. C., & Okabe, M. S. (2015). O Marco Civil da internet no Brasil: reflexões sobre a psicologia, pornografia infantil e a pedofilia. *Revista de Psicologia da UNESP*, 14(1), 13-25. Recuperado em 04 de junho de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442015000100002&lng=pt&tlng=pt.
- Kampman, C.J.G., Hoebe, C.J. P.A., Koene, R. et al. (2020). Sexually transmitted infections in male heterosexual Dutch clients who visited German cross-border female sex workers; a 3 year retrospective study. *BMC Public Health* 20, 1182. <https://doi.org/10.1186/s12889-020-09240-0>.
- Mayorga, C. et al. (2013). As críticas ao gênero e a pluralização do feminismo: colonialismo, racismo e política heterossexual. *Revista Estudos Feministas* [online], (21)2, 463-484. [Acessado 31 Maio 2021]. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000200003>>. Epub 09 Set 2013. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000200003>.
- McLaren, M. A. (2016). *Foucault, feminismo e subjetividade*. São Paulo: Intermeios. 284p.
- National Network to End Domestic Violence (NNEDV). (2016). *Sexualized, Submissive Stereotypes of Asian Women Lead to Staggering Rates of Violence*. Retrieved from https://nnedv.org/latest_update/stereotypes-asian-women/.
- Parente, A. (2008). Simpósio 1 — tecnologias da informação e da comunicação e modos de subjetivação. A comunicação como nova dimensão da produção de subjetividade. In GUARESCHI, N., org. *Estratégias de invenção do presente: a psicologia social no contemporâneo* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. p. 43-53. ISBN: 978-85-99662-90-8. Available from SciELO Books: <http://books.scielo.org>.
- Passos, E., & Barros, R. B. (2015). A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Passos, B., Kastrup, V. & Escóssia, L. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade / orgs.* – Porto Alegre: Sulina. 17-31.
- Passos, T. S. & Almeida-Santos, M. A. (2020). Trabalho sexual em período de pandemia por COVID-19 no contexto íbero-americano: análise de anúncios em websites. *Ciência & Saúde Coletiva* [online], 25(11) [Acessado 3 Junho 2021], 4237-4248. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320202511.26622020>>. Epub 06 Nov 2020. ISSN 1678-4561.
- Peixoto, K. P. F. (2017). Racismo contra indígenas: reconhecer é combater. *ANTHROPOLÓGICAS*, 28(2), 27-56. [Acessado 31 Maio 2021]. Recuperado de <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/25363/28917>.
- Pinto, P., Nogueira, M. C., & Oliveira, J. M. (2010). Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: estéticas e ideologias da sexualização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 374-383. [Recuperado em 3 de Junho de 2021]. ISSN: 0102-7972. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815256020>.
- Prado Filho, K., & Teti, M. M. (2013). A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbaroi*, (38), 45-49. Recuperado em 03 de maio de 2020, de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782013000100004&lng=pt&tlng=pt.

- Pornhub Team (2019). The 2019 Year in Review. *Pornhub Insights*. Recuperado em 02 de maio de 2020, de <https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>.
- Pornhub Team (2020). Coronavirus Update - June 18. *Pornhub Insights*. Recuperado em 28 de maio de 2021, de <https://www.pornhub.com/insights/coronavirus-update-june-18>.
- Pornhub Team (2021). The Pornhub Tech Review. *Pornhub Insights*. Recuperado em 28 de maio de 2021, de <https://www.pornhub.com/insights/tech-review>.
- Rogers, C. (2017). *Tornar-se Pessoa*. [WMX Martins Fontes version]. Retrieved from https://www.google.com.br/books/edition/Tornar_se_pessoa/HxCbDgAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover.
- Rosa, E. B. P. R. (2020). Cisheteronormatividade como instituição total. *Cadernos PETFilosofia*, 18(2), 59-103. Recuperado de <https://revistas.ufpr.br/petfilo/article/view/68171/41349>.
- Santos et. al. (2019). Pornografia, Prostituição e Exploração Sexual como Formas de Violência Contra a Mulher: algumas considerações sobre o contexto Amazônico brasileiro. In *Anais IX Jornada Internacional de Políticas Públicas: Civilização ou Barbárie; o futuro da humanidade, centenário de Luxemburgo, uma rosa vermelha para a democratização socialista*. (p. X). São Luís, MA/Brasil: Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas.
- Silva, M. F. (2017). O contrato de prostituição e a regulamentação da atividade: por um viés feminista e através dos direitos de personalidade. *Revista Ideias*, 19(1), 69-92. Recuperado de <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ideias/article/view/230460/25011>.
- Silva, D. (n. d.). *Ser homem, ser mulher: as reflexões acerca do entendimento de gênero*. In: *Mãe/mulher atrás das grades: a realidade imposta pelo cárcere à família monoparental feminina*. Retrieved from <https://doi.org/10.7476/9788579837036>.
- Siqueira, C. B. de, & Bussinger, E. C. de A. (2020). As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher. *Rev. Thesis Juris*, 9, 145-166. <http://doi.org/10.5585/rtj.v9i1.14977>.
- Sousa, M. G. (2008). Re-visitando a história: Colonização portuguesa e subordinação cultural. In *IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, Salvador, Bahia, Brasil. Recuperado de http://www.cult.ufba.br/biblioteca_enecult_2008.html.
- Testi, F. (2019, outubro 10). *Adolescente sumida há 8 meses é encontrada pela mãe em site pornô*. Recuperado em 24 de maio de 2021, de <https://www.metropoles.com/mundo/adolescente-sumida-ha-8-meses-e-encontrada-pela-mae-em-site-porno>.

- Vaz, G. C. T. (2019). *A negociação com a pornografia feminista dentro de grupos no Facebook*. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal). Recuperado de <http://hdl.handle.net/10362/77143>.
- Wittig, M. (1992). The Straight Mind. In Wittig, M. *Out there: Marginalization and contemporary cultures*. Boston: Beacon.
- Zanello, V. (2018). *Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação*. Curitiba, Brasil: Editora Appris.